



UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”



**Relações Comerciais entre China e América do Sul:
Os Impactos na América do Sul e no Brasil**

Larissa Marques Rolo

Araraquara – 2013

Relações Comerciais entre China e América do Sul: Os Impactos na América do Sul e no Brasil

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Araraquara como
trabalho de conclusão do curso de Ciências
Econômicas.

Aluna: Larissa Marques Rolo

Professor Orientador: Prof. Dr. Mário Augusto Bertella

Banca Examinadora: Prof. Dr. Elton Eustáquio Casagrande

Araraquara – 2013

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais: Silvia e Jaime, por todo o apoio, carinho e por todo o esforço que fizeram para que eu pudesse concluir os meus estudos. A vocês, sempre dedicarei todas as minhas conquistas, pois são parte de cada uma.

Também aos meus padrinhos Paschoal e Márcia, aos meus primos Claudia, Ciça, Élio e Ailton, e aos pequenos Maria Laura e João Gabriel, por todo o apoio, carinho e por entenderem a minha ausência durante o período de graduação.

Agradeço ao meu orientador, professor Mário Bertella, por acreditar no meu trabalho e por toda a dedicação e paciência para me orientar nesta pesquisa.

À república Las Canelas, que foi para mim uma família: Fernanda, Willer, Ana Beatriz, Luisa, Rafaela, Mayara, Patrícia, Verena, Caroline, Ayra, Elaine, Rebeca, Lucas e Natália, obrigada por tornarem-se mais do que amigos, mas verdadeiros irmãos. Às Amazonas queridas: Alicia Ribeiro, Gabriela Oliveira e Larissa Fernandes, agradeço pela amizade e por serem minha segunda casa em Araraquara. Agradeço também pela amizade e pelo companheirismo, à Marina Terlizzi, Júlia Xavier, Letícia Sumiê, Felipe Kastashi e Bruno Perozzi. E as minhas amigas de São Roque, em especial à Mariana Santana, Laura Nardello e Aline Moraes, agradeço pela amizade, por todo apoio e por compreenderem minha ausência durante a faculdade.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em especial aos professores do departamento de economia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, agradeço por todo o conhecimento e por terem feito de mim, economista.

Resumo

Com elevadas taxas de crescimento e participação cada vez maior no comércio mundial, a China intensifica suas relações com o Brasil e com a América do Sul, na qual apresenta-se como exportadora de manufaturados e importadora de commodities. Os efeitos desta relação devem ser estudados com cautela, pois apesar dos ganhos de curto prazo, geram perigosos impactos a médio e longo prazo. No Brasil, a presença chinesa é uma ameaça imediata ao setor industrial tanto no mercado interno, quanto externo.

Palavras Chave: Comércio, China, América do Sul.

Sumário

Índice de Gráficos	07
Índice de Figuras	08
Índice de Tabelas	09
Introdução	10
Capítulo 1 – Evolução das Relações Comerciais entre China e América do Sul e Estratégias Chinesas para a Região	13
1.1 – Relações entre China com América Latina e África	13
1.2 – China e América Latina	17
1.3 – China e América do Sul	19
1.4 – IDE Chinês e a América do Sul	22
Capítulo 2 – Relações Comerciais entre América do Sul e China: Panorama e Consequências	26
2.1 – O Comércio entre China e América do Sul	26
2.2 – A Especialização em Produtos Primários	31
2.3 – O Possível Fim da Influência Norte-Americana	33

Capítulo 3 – Evolução do Comércio entre América do Sul e Brasil e Dificuldades para Integração da Região	35
3.1 – Evolução do Comércio entre Brasil e América do Sul	35
3.2 – Evidência Empírica da Perda de Mercado do Brasil na América do Sul	38
3.3 – As dificuldades de Integração com a América do Sul	39
 Capítulo 4 – Efeitos da Concorrência Chinesa para o Brasil e a Perda de Mercado	 42
4.1 – Brasil e China: Breve Comparativo para o Cenário Internacional	42
4.2 – Exemplo: Breve Panorama da Indústria Têxtil	47
4.3 – Além da China	49
4.3.1 – Os Problemas do Brasil	49
4.3.2 – Necessidade de Inovação	51
 Considerações Finais	 53
 Referências Bibliográficas	 58

Índice de Gráficos

Gráfico 01: Exportações, Importações e Balança Comercial da China com o Resto do Mundo_____	13
Gráfico 02: Exportações, Importações e Saldo Comercial da América Latina (Todos os Países) com a China de 1990 à 2008 (em milhões de dólares)_____	17
Gráfico 03: Exportações, Importações e Balança Comercial da América do Sul com a China_____	20
Gráfico 04: Exportações, Importações e Balança Comercial da América do Sul com o Brasil_____	37
Gráfico 05: Crescimento do PIB (anual %)_____	43
Gráfico 06: Exportações Totais China e Brasil (em bilhões de dólares)_____	44
Gráfico 07: Saldo da Balança Comercial (em bilhões de dólares)_____	44
Gráfico 08: Balança Comercial Brasileira do Setor Têxtil e de Confecção_____	48

Índice de Figuras

Figura 01: Exportações Totais da China em 1990 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica_____	14
Figura 02: Exportações Totais da China em 2000 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica_____	14
Figura 03: Exportações Totais da China em 2011 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica_____	15
Figura 04: Exportações da América do Sul para a China em 2011, Agrupadas de Acordo com Intensidade Tecnológica_____	26
Figura 05: Exportações da China para a América Latina em 2011, Agrupadas de Acordo com Intensidade Tecnológica_____	26
Figura 06: Exportações do Brasil para a América do Sul em 2011, Agrupadas de Acordo com Intensidade Tecnológica_____	37
Figura 07: Exportações da América do Sul para o Brasil em 2011, Agrupadas de Acordo com Intensidade Tecnológica_____	38
Figura 08: Exportações Totais do Brasil em 1990 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica_____	45
Figura 09: Exportações Totais do Brasil em 2000 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica_____	45
Figura 10: Exportações Totais do Brasil em 2011 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica_____	45
Figura 11: Mercado Interno e Produção x Importações_____	47
Figura 12: Custo Brasil e Efeitos na Indústria_____	50

Índice de Tabelas:

Tabela 01: Cinco Países e Oito Setores Dominam o Comércio América Latina e China__22

Tabela 02: Investimento Direto Externo China-América Latina (em milhões de dólares)_____23

Tabela 03: Principais Investimentos da China na América Latina 2004-2010_____24

Introdução

Com elevadas taxas de crescimento, a China tem cada vez mais importância no cenário mundial. Para a América do Sul, a China torna-se cada vez mais um dos principais parceiros comerciais. Este acontecimento tem implicações importantes para cada um dos países do continente, inclusive para o Brasil, que estendia suas influências para a região.

A intensificação das relações comerciais chinesas deve-se em grande parte a política de Deng Xiaoping, sucessor de Mao Tsetung. As relações entre China e América Latina intensificaram-se a partir da década de 70, e principalmente a partir da década de 80. Contudo o grande crescimento das relações ocorreu no final da década de 1990, principalmente devido ao grande aumento da necessidade chinesa por matérias-primas. Intensificou-se ainda mais no ano 2000, também principalmente pela necessidade chinesa por *commodities* e por mercados consumidores.

Para a América do Sul, a China tem representado um novo mercado capaz de absorver os produtos da região e é tida como importante parceira comercial. Além disso, representa também uma saída ao domínio norte americano no continente. Porém, deve-se ter cautela nessa nova relação, uma vez que esta pode representar problemas a médio e longo prazo.

Há muitas controvérsias quanto ao impacto da China na América Latina. Enquanto muitos autores avaliam ser uma oportunidade, outros destacam que se trata de uma relação desigual e prejudicial à região. Assim, um dos objetivos do trabalho é expor estes argumentos e confrontá-los para uma melhor análise da situação. Pretende-se mostrar que se, por um lado, a entrada da China na América do Sul representa uma oportunidade de novo mercado e diminuição da hegemonia norte-americana na região, por outro pode significar uma relação bastante assimétrica e prejudicial a longo prazo. É preciso cuidado para diferenciar impactos de curto e longo prazo. A concorrência com produtos chineses e a grande necessidade chinesa de produtos primários são um grande incentivo para que os países da América do Sul se especializem em *commodities* e deixem de lado os investimentos em manufaturas.

Além disso, há forte assimetria na relação: enquanto a China é um dos principais parceiros comerciais da América do Sul e principal impulsionador do comércio na região, a

América do Sul tem uma participação pequena diante dos demais parceiros comerciais chineses, o que faz com que a América do Sul torne-se vulnerável e, portanto, dependente da China.

Os impactos da entrada da China nos mercados da América do sul variam de país para país e de setor para setor. Em países baseados na exportação de *commodities*, os efeitos parecem bastante benéficos, já para países e setores industrializados (ou que estão tentando desenvolver uma industrialização), a entrada dos produtos chineses é ainda mais perigosa e prejudicial.

Para o Brasil, que apresenta um parque industrial evoluído em relação aos demais países da América do Sul, as perdas são imediatas. As relações com a China incentivam o potencial produtor de *commodities* em detrimento do setor industrial brasileiro. Desta forma, há perdas tanto no mercado interno quanto no mercado externo brasileiro. Ou seja, mesmo que o país conseguisse meios para reduzir a entrada de seus produtos no mercado interno e, portanto, garantir grande parte desse mercado para as indústrias nacionais, ainda teria grandes prejuízos uma vez que perde mercado externo.

A América do Sul é uma área estratégica para o comércio brasileiro, devido à proximidade geográfica, afinidade cultural (e logo, de consumo) e oportunidade de inserção dos produtos manufaturados brasileiros. Sendo assim, o aumento da concorrência chinesa e consequente perda de mercado na região são bastante prejudiciais. No entanto, conforme será exposto, há muitos problemas de integração da América do Sul, o que dificulta tanto a defesa de mercado para o Brasil, quanto à melhor inserção da região como um todo no comércio internacional.

Um dos objetivos deste trabalho será, também, fazer uma breve comparação entre Brasil e China no contexto do comércio internacional, e discutir os fatores mais relevantes para os problemas de produção/exportação de manufaturados brasileiros.

No caso brasileiro, conforme será discutido neste trabalho, se a concorrência chinesa é um fator importante para o enfraquecimento da indústria, é preciso considerar também que este não é o único. O Brasil apresenta diversos problemas internos como Custo Brasil e política cambial pouco focada em incentivar a indústria; problemas de integração com a América do Sul; falta de incentivo em inovação, tecnologia e educação

(que prejudica áreas de pesquisa e desenvolvimento e disponibilidade de mão obra especializada).

Capítulo 01

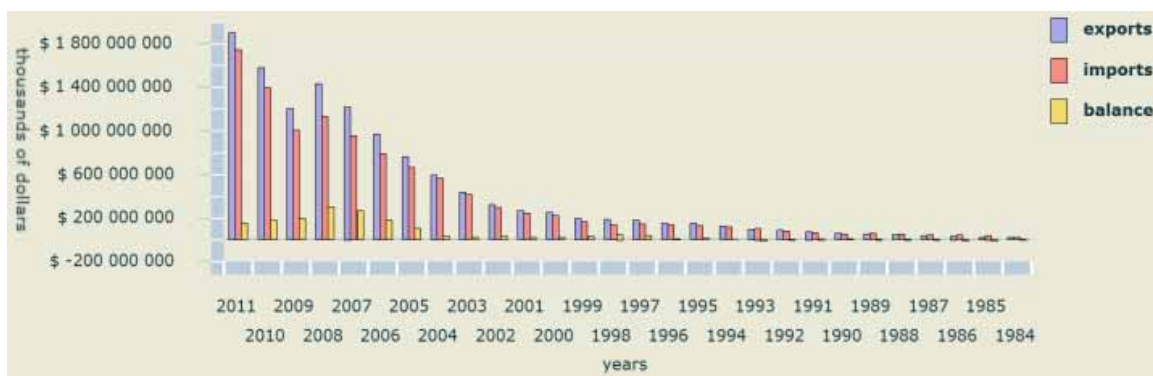
Evolução das Relações Comerciais entre China e América do Sul e Estratégias Chinesas para a Região

1.1 - Relações entre China com América Latina e África

Uma grande transformação estrutural da economia chinesa conseguiu grandes taxas de crescimento econômico ao longo dos últimos anos. Essas transformações, aliadas a abertura econômica chinesa, fazem com que a China esteja cada vez mais presente nas economias dos demais países, tanto devido a ser uma grande exportadora, quanto uma importante importadora.

Através do gráfico abaixo, pode-se perceber um grande aumento no nível de comércio com o mundo através do aumento dos volumes de importação e exportação ao longo dos anos. Em 2001, a China ingressou na Organização Mundial do Comércio, fato que favoreceu e intensificou sua participação no comércio internacional.

Gráfico 1: Exportações, Importações e Balança Comercial da China com o Resto do Mundo

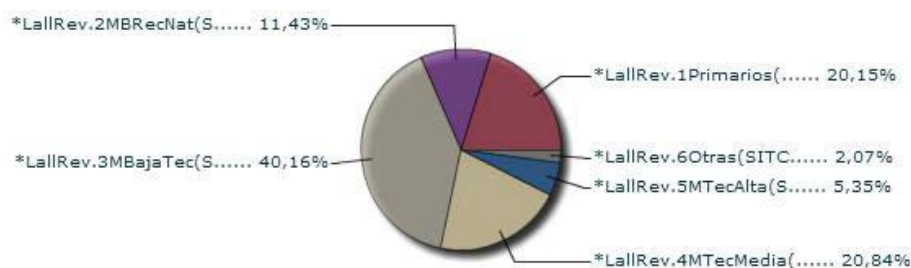


Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAD)* 2012

Outro fator importante a ser observado é que a intensidade tecnológica dos produtos exportados pela China tem aumentado. Isto pode ser percebido ao se observar a composição das exportações chinesas nos anos de 1990, 2000 e 2011 de acordo com a intensidade tecnológica. De 1990 a 2011, de acordo com dados da ECLAD 2012, percebe-se uma significativa diminuição na exportação de produtos primários, que passaram de 20,15% em 1990, para 6,20% em 2000 e 2,29% em 2011. Os produtos de baixa e média tecnologia tiveram um pequeno aumento de 1990 para 2000, e uma diminuição em relação

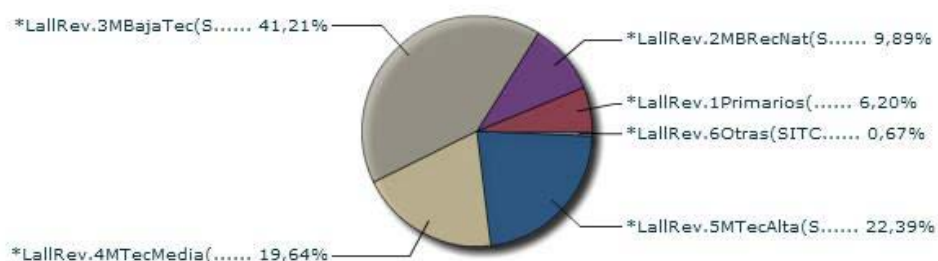
a 2011; passaram os produtos de baixa e média tecnologia, respectivamente, de 40,16% e 20,84% em 1990, para 41,21% e 19,64% em 2000 e 30,32% e 24,45%. Já os produtos de alta tecnologia tiveram um grande aumento no período, passando de 5,35% em 1990 para 22,39% em 2000, chegando a 32,80% em 2011.

Figura 1: Exportações Totais da China em 1990 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica.¹



Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAD) 2012*

Figura 2: Exportações Totais da China em 2000 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica.



Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAD) 2012*

¹ Bens Primários: frutas frescas, carnes, arroz, cacau, chá, café, madeira, carvão, petróleo bruto, gás, minerais concentrados.

Manufaturas baseadas em recursos naturais: preparados de frutas e carnes, produtos de madeira, óleos vegetais. Metais básicos (exceto aço), derivados de petróleo, cimento, pedras preciosas, vidro.

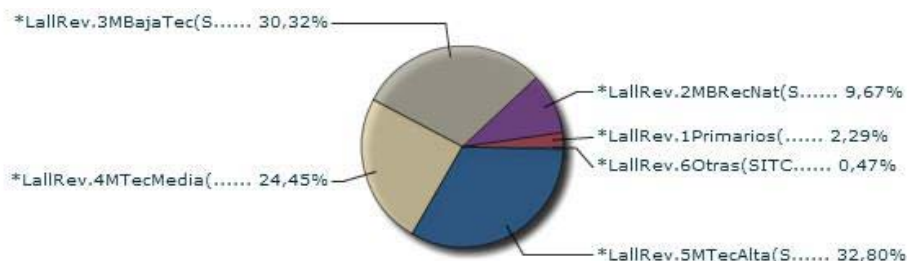
Manufaturas de baixa tecnologia: têxteis, roupas, calçados, manufaturas de couro, bolsas. Cerâmicas, estruturas simples de metal, móveis, joias, brinquedos, produtos plásticos.

Manufaturas de média tecnologia: veículos de passageiros e seus componentes, veículos comerciais, motocicletas e seus componentes. Fibras sintéticas, químicas e tintas, fertilizantes, plástico, ferro e aço, canos e tubos. Maquinário e motores, máquinas industriais, bombas, barcos e relógios.

Manufaturas de alta tecnologia: máquinas para processamento de dados, de telecomunicações, equipamentos de televisores, transistores, turbinas, equipamentos de geração de energia. Artigos farmacêuticos, aviões, instrumentos ópticos e de precisão, câmeras fotográficas.

Outras negociações: Eletricidade, filmes cinematográfico, material impressos, negociações especiais, ouro, moeda, animais domésticos, obras de arte.

Figura 3: Exportações Totais da China em 2011 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica.



Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAD) 2012*

Assim, percebe-se que a China preocupou-se com sua industrialização, e pretende aumentar sua produção de bens de alta tecnologia. Ao investir cada vez mais em produtos de média e alta tecnologia, a China também aumenta o valor agregado de suas exportações e o superávit na balança comercial.

Os principais parceiros comerciais da China são seus vizinhos asiáticos, o Japão e, fora do continente, EUA e União Europeia. Para sustentar suas altas taxas de crescimento, a China necessita não apenas ampliar seu mercado consumidor, mas também assegurar o fornecimento de sua necessidade crescente de matérias primas e alimentos. Neste sentido, América Latina e África, regiões antes não relevantes para as relações internacionais chinesas, ganham destaque.

A intensificação das relações comerciais chinesas deve-se em grande parte a política de Deng Xiaoping, sucessor de Mao Tsetung. As relações entre China e América Latina intensificaram-se a partir da década de 1970 e, principalmente, a partir da década de 1980. Contudo o grande crescimento das relações ocorreu no final da década de 1990, principalmente devido ao grande aumento da necessidade chinesa por matérias-primas.

No entanto, apesar das relações com estes países terem tido certo aumento desde os anos de 1990, devido a interesses da elite chinesa, houve grande crescimento a partir dos anos 2000 devido à necessidade crescente de commodities e outros recursos naturais para manter as altas suas taxas de crescimento.

De acordo com Barbosa, Biancalana e Tepassê (2011), com base na OMC (2008), apenas 3,5% e 4% das exportações chinesas tinham como destino a África e a América Latina, respectivamente. Com relação às importações, os números também são baixos:

apenas 6% das exportações originavam-se da América Latina e 5% da África. No entanto, ainda segundo os referidos autores, ao analisar a composição das importações chinesas, vê-se que 25% dos produtos agrícolas e 13% dos produtos minerais são provenientes da América Latina, e 16,1% dos produtos agrícolas e 2,3% dos produtos minerais, da África. Com estes dados, pode-se perceber a importância destas regiões para o suprimento de produtos primários.

Os eventos que causaram o enfraquecimento das atuais potências, como as crises econômicas do século XXI, a simpatia da América do Sul com governos populistas, e ascensão de países emergentes, abrem uma possibilidade de um sistema multipolar, no qual a China seria mais uma potência. A China tem sabido aproveitar o enfraquecimento político e econômico dos EUA e ocupar parte das “falhas” que este país tem deixado no cenário mundial, como ocorre no caso da América Latina. O insucesso dos programas neoliberais e a crise de 2008 favoreceram no sentido de reforçar que os países da América Latina deixassem de se ater tanto aos EUA e União Europeia e procurassem novas oportunidades comerciais. No entanto, a China procura não gerar conflitos em seu processo de expansão.

Para seu crescimento, é necessário que a China expanda seu comércio e áreas de influência. Porém, é importante que o país mantenha um ambiente de relativa paz e estabilidade interna, para que não haja problemas para seu crescimento. Neste sentido, daí a importância do pragmatismo, e a China apresenta um expansionismo pacífico. Nas áreas da África, procura manter-se como uma nação que visa o desenvolvimento destas regiões subdesenvolvidas e, no caso da América Latina, procura não entrar em conflito com os EUA, que possui a maior influência na região.

A presença da China na África é bem mais abrangente do que na América Latina. Na África, a presença chinesa vai bastante além do comércio e investimentos em determinados setores, com iniciativas de ajuda ao desenvolvimento da região. Um exemplo disto é a criação, em 2000, do FOCAC (Fórum para Cooperação entre China e África).

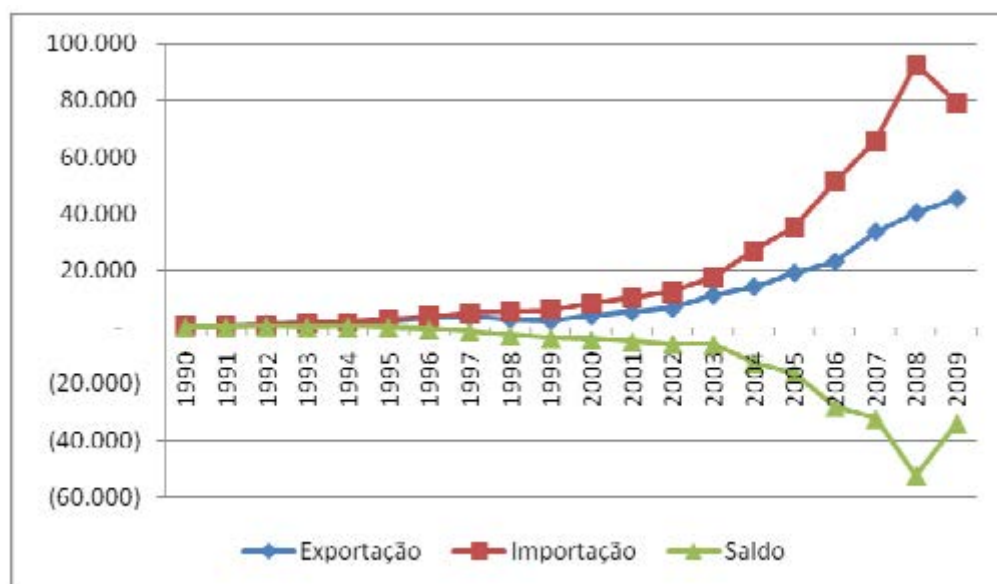
A relação entre China e América Latina é marcada pelo pragmatismo e orientada, basicamente, por fatores econômicos. No campo político, há o interesse de apoio nos fóruns multilaterais e na questão de Taiwan, porém as relações comerciais ocorrem mesmo que esses fatores não ocorram, o que marca o pragmatismo nas relações.

Assim, na América Latina, a presença chinesa é focada em assuntos econômicos (comerciais) e relações bilaterais. Isso se deve a fatores como ao maior dinamismo das economias da América Latina do que da África, maior presença do Estado, capital nacional e transnacional mais consolidado, sociedade civil mais ativa, mas também, como já mencionado, devido ao fato da América Latina ser região de influência norte-americana, o que necessita de mais cuidado para evitar conflitos. Portanto, na América Latina, a China apresenta-se bem menos focada no desenvolvimento da região.

1.2 – China e América Latina

Entre 1990 e 2008 de acordo com ECLAD (2012), a partir do gráfico, pode-se perceber que o comércio entre China e América Latina teve um grande aumento. Neste período, houve um aumento de cerca de 820% nas exportações da América Latina para a China, e 1870% nas exportações da China para a América Latina. O saldo comercial do período foi favorável à China em US\$ 52,4 bilhões.

Gráfico 2: Exportações, Importações e Saldo Comercial da América Latina (Todos os Países) com a China de 1990 à 2008 (em milhões de dólares)



Fonte: Barbosa, Biancalana e Tessapê (2010). Dados da Comtrade 2010

Percebe-se, ainda, um notável aumento das relações a partir do ano de 2002, fato associado ao crescimento da economia chinesa, assim como elevação no preço das *commodities*.

Como já mencionado, as exportações da América Latina para a China consistem basicamente em *commodities* durante todo o período. Já as exportações da China para a América Latina estão cada vez mais intensificadas em produtos de média e alta tecnologia, como produtos eletrônicos e diversas máquinas.

Segundo Holland e Barbi (2010), as relações entre China e América Latina ocorrem de quatro maneiras. A primeira é como importadora de recursos naturais. A segunda é como exportadora de produtos industrializados para a região. A terceira é como “parceira em *joint-ventures* para a produção com empresas locais da região” (Holland e Barbi, 2010, página 18), uma maneira recente dado que a China costuma preferir a produção interna de seus produtos. A quarta é como fornecedora de empréstimos para a região: “Alguns destes créditos são garantidos por contratos de exportação de matérias primas para a China (...). Outros são oferecidos na forma de financiamento para aquisição de produtos chineses.” (Holland e Barbi, 2010, página 19).

Como foi destacado, as relações entre China e América Latina são marcadas pelo pragmatismo. Durante o período da Guerra Fria, apesar da forte importância das relações políticas, as relações entre China e América Latina eram caracterizadas basicamente por assuntos econômicos, e a China não era vista como uma grande ameaça (política) para a região. Durante o período das reformas chinesas, em 1980, o pragmatismo das relações intensificou-se. A partir dos anos 2000, apesar do contexto internacional bastante diferente e, embora a questão de Taiwan seja um fator importante para a China em suas relações, ainda assim não chega a abalar o pragmatismo destas.

De acordo com Barbosa, Biancalan e Tessapê (2011), apesar da relação entre China e América Latina ser marcada por relações bilaterais, ainda há temas multilaterais, uma vez que a China procura votos para várias comissões das Nações Unidas, e também a participação em organismos regionais, como: observador na CEPAL e no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), acionista na Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) e na Organização dos Estados Americanos (OEA), participante da Comissão de Diálogo Mercosul-China e estabeleceu um mecanismo de consulta e cooperação com a Comunidade Andina.

Apesar do pragmatismo nas relações comerciais, muitos governos de esquerda da América Latina vêem na China uma oportunidade de diminuir, e até extinguir, as relações comerciais com os EUA e livrar-se desta tão antiga dependência.

Para aumentar as relações com os países latino-americanos e garantir reservas energéticas e de matérias-primas, a China promete investimentos e empréstimos a condições bem mais atraentes do que os cobrados por organismos multilaterais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

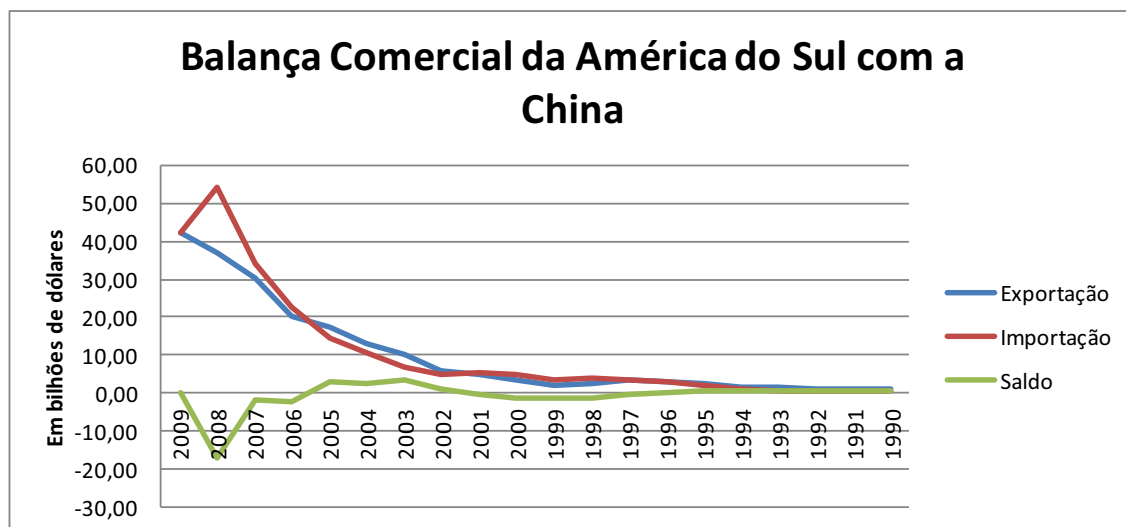
Apesar da crise global que ocorreu no período, percebe-se que as relações entre América Latina e China continuaram a se intensificar, o que reforça a tese de que a China soube aproveitar a diminuição da presença dos EUA e União Europeia em regiões como a América Latina. Além disso, a crise de 2008 e a contração dos mercados dos EUA e Europa, fez com que a China se esforçasse ainda mais na busca de outros destinos para suas exportações.

Além da intensificação das relações comerciais, ocorreu também um aumento nos investimentos da China na América Latina. Estes investimentos não são tão significativos se comparados com os totais recebidos pela região, no entanto, vem crescendo e já mostram uma importância estratégica. Estes investimentos, por parte de transnacionais chinesas, correspondem basicamente a três tipos. O primeiro está associado ao setor de *commodities* minerais. O segundo está relacionado à infraestrutura, principalmente para o transporte dos produtos primários, para que possam ser exportados. O terceiro, menos expressivo, corresponde à entrada de plantas produtivas chinesas na região. No entanto, como a maior parte dos investimentos são do primeiro e do segundo tipo (mais expressivamente do primeiro), pode-se perceber que estes investimentos reforçam a especialização da América Latina como exportadora de *commodities*.

1.3 – China e América do Sul

De acordo com dados da ECLAD (2012), de 1990 a 2009, as exportações da América do Sul para a China cresceram cerca de 5628%, enquanto as importações de produtos chineses na América do Sul tiveram um aumento de aproximadamente 12925%. Assim, pode-se constatar que há um grande crescimento tanto das importações quanto das exportações da América do Sul em relação à China. De 1990 a 1999, as exportações da América do Sul para a China aumentaram cerca de 146%, já as importações de produtos chineses na América do Sul cresceram cerca de 916%. De 2000 à 2009, as exportações aumentaram cerca de 1123%, já as importações da China cresceram cerca de 804%.

Gráfico 3: Exportações, Importações e Balança Comercial da América do Sul com a China



Fonte: Elaboração própria. Dados *Economic Commission for Latin America and the Caribbean* (ECLAD) 2012

O aumento das relações entre China e América do Sul ocorre no contexto do aumento das relações comerciais entre China e o resto do mundo, a partir de 2001. No entanto, percebe-se uma intensificação neste aumento a partir dos anos de 2004 e 2005, quando ocorreram visitas de líderes chineses ao continente sul-americano e assinatura de diversos acordos comerciais, de investimentos e cooperação da China para a região.

Em 2004, o presidente chinês Hu Jintao visitou Argentina, Chile, Venezuela e Brasil, além de Cuba. Foram assinados 39 acordos sobre comércio e investimentos para a região nos próximos dez anos.

A China conseguiu também o reconhecimento como “economia de mercado” na Organização Mundial do Comércio (OMC). Este foi um fator muito importante para o país, pois significa que deve sofrer menos restrições e barreiras para a entrada de seus produtos em outras economias.

Foram assinados também dois Tratados de Livre Comércio (TLCs) na América do Sul. Em 2006 foi assinado o tratado com o Chile, ratificado em 2007 e, em 2009, com o Peru, ratificado em 2010.

Além das relações comerciais e investimentos, outro fator que tem feito da China atraente para a América do Sul são os empréstimos que aquela tem oferecido. Ela tem concedido empréstimos para diversos países da região com condições bem mais favoráveis do que outros órgãos internacionais como FMI e Banco Mundial. Para seus empréstimos, além de proporcionar taxas mais favoráveis, não impõe condicionalidades políticas nem pressões para determinadas reformas e ações internas dos países credores.

Os interesses da China na América do Sul, assim como na América Latina, caracterizam-se, principalmente, pela busca de fornecedores de matérias-primas, e também pelo interesse por mercado consumidor para seus produtos, pelo reconhecimento da China em detrimento de Taiwan e apoio em instituições multilaterais.

O comércio da China com a América do Sul em relação ao comércio da China com o México e América Central, apresenta diferenças no sentido de que aquele é mais intenso e equilibrado.

O comércio com México juntamente com a América Central apresenta déficits maiores do que com América do Sul. Segundo dados da ECLAD (2012) de 1990 a 2009, o comércio entre China e América do Sul apresentou períodos de superávit para a América do Sul, fato que nunca ocorreu com a região América Central-México, e que ainda nunca tiveram déficits menores do que a América do Sul no período.

Além disso, as relações entre China e América Latina concentram-se mais nos países da América do Sul. Um dos fatores para isso é que o principal interesse da China na região é em *commodities*, e os maiores produtores destes produtos na América Latina estão na parte sul. Fora da América do Sul, apenas o México possui destaque no comércio com a China.

Tabela 1: Cinco Países e Oito Setores Dominam o Comércio América Latina e China.

Setor	Porcentagem das exportações da América Latina para a China	País – porcentagem do total das exportações para a China no setor
Cobre	17,9	Chile 90
Aço e derivados	17,3	Brasil 89
Soja e outras sementes	16,8	Brasil 83%; Argentina 16
Minérios e concentrados de metais	13,5	Chile 47; Peru 39
Petróleo cru	4,5	Brasil 65; Colômbia 20
Óleo de Soja e outros óleos	4,5	Argentina 79; Brasil 20
Celulose e resíduos de papel	4,4	Brasil 55; Chile 43
Alimentos para animais – <i>Feedstuff</i>	2,4	Peru 63; Chile 30
TOTAL	81,3	

Fonte: Vadell (2011). Elaboração: Gallagher (2010) a partir da base de dados do *United Nations Commodity Trade Statistics* (Comtrade)

Os investimentos na região também são, em sua maioria, destinados à América do Sul. Isso faz bastante sentido uma vez que estes se concentram na produção de produtos naturais e em infraestrutura voltada para o escoamento de tais produtos.

Com relação aos efeitos do comércio, a questão do problema da especialização em produtos primários e possível relação de dependência com a China ocorrem para toda a América Latina. Com relação à concorrência dos produtos chineses com os nacionais, o problema concentra-se mais na América do Sul, especialmente Brasil e Argentina, uma vez que são os que possuem produção industrial mais desenvolvida.

A América do Sul também tem recebido boa parte dos investimentos chineses. Estes, em sua maioria, estão associados à produção de *commodities* e exploração de recursos naturais, em especial, os produtos que mais interessam à China. Investimentos consideráveis também são realizados em infraestrutura relacionadas ao escoamento destes produtos.

1.4 – IDE Chinês e a América do Sul

A China é uma economia que se caracteriza por receber grandes fluxos de investimentos diretos estrangeiros. No entanto, ainda que seus investimentos no exterior venham aumentando consideravelmente, ainda é uma economia que investe pouco fora de seu território. Isso se deve em parte porque ainda há oportunidades de investimentos internos. Porém, apesar do potencial de investimento interno, os investimentos chineses no

exterior têm crescido consideravelmente. Segundo Holland e Barbi (2010), isso se deve a seis possíveis fatores. O primeiro refere-se ao fato da China querer garantir acesso aos recursos naturais que necessita para suportar suas altas taxas de crescimento econômico. Neste contexto, encontram-se os investimentos na África e América Latina. O segundo fator é a busca de competitividade, “para uma empresa chinesa não basta estar apta a concorrer domesticamente, ela precisa preparar-se para oferecer a qualidade e a tecnologia demandadas no mercado global.” (Holland e Barbi, 2010, página 14). O terceiro está relacionado à estratégia de trazer tecnologia para sua própria indústria com investimentos em países avançados. O quarto motivo seria para deixar de ser o maior credor dos EUA, pois os grandes montantes investidos em títulos públicos norte-americanos podem fazer com que a China seja fortemente influenciada pelas políticas econômicas norte-americanas. O quinto fator está relacionado ao fato da China ser bastante atraente para investimentos diretos estrangeiros destinados a exportação. O sexto motivo está associado à vontade de ampliar a influência política chinesa no mundo.

Na América Latina, os investimentos chineses ainda são pequenos, principalmente diante dos investimentos dos EUA e União Europeia. No entanto, estes investimentos vêm crescendo e merecem destaque devido à importância da presença chinesa na região nos últimos tempos. Esse crescimento pode ser observado a partir da tabela abaixo.

Tabela 2: Investimento Direto Externo China-América Latina (em milhões de dólares)

2003	2004	2005	2006	2007	2008
1 038,15	1 762,72	6 466,16	8 468,74	4 902,41	3 677,25

Fonte: Vadell (2011). Dados do Ministério de Comércio da China

Os principais investimentos, como já foi destacado, ocorrem no setor primário e em infraestrutura relacionada a este setor. Na América Latina, os principais investimentos ocorrem na América do Sul, refletindo o fato de ser esta a principal região da América Latina a comercializar com a China: é a região que mais produz *commodities*.

Tabela 3: Principais Investimentos da China na América Latina 2004-2010

Ano-Mês	País	Investidor	Parceiro	Valor*	Setor
2004-00	Peru	CNPC	Pluspetrol	ND	Petróleo
2005-03	N.Guiné	MCC	Ramu Nickel Limited	\$560	Níquel/Cobalto
2005-06	Chile	Minmetals	Codelco	\$550	Cobre
2005-09	Equador	CNPC e Sinopec	EnCana	\$1,400	Petróleo
2005-10	Cuba	MinMetals	Cuba	\$500	Níquel
2006-04	Brasil	Sinopec	Petrobrás	\$240	Petróleo
2007-02	Uruguai	Geely Holding	Macri (Arg.)	ND	Automobilística
2007-12	Peru	Minmetals e Jiangxi Copper	Northern Peru Copper	\$450	Cobre
2008-05	Venezuela	CNPC	PDVSA	\$800	Petróleo
2008-06	Peru	Chinalco	Peru	\$3,000	Cobre
2009-02	Peru	Shougang Group	Hierro Peru	\$1,000	Aço
2009-05	Brasil	Unipac Asia (Sinopec)	Petrobrás	\$10,000	Petróleo
2009-05	Brasil	Wuhan Iron & Steel Company	MMX	\$3,500	Siderurgia
2009-05	Brasil	CDB	Itaú BBA	\$100	Financeiro
2009-05	Brasil	CDB	BNDES	\$800	Financeiro
2010-00	Mexico	Geely Holding	-	\$500	Automobilística

Notas: * Valores em US\$ milhões. CNPC = China National Petroleum Corporation; Sinopec = China Petroleum & Chemical Corporation; Chinalco ou Chalco = Aluminum Corporation of China; MCC = China Metallurgical Construction; e CDB = China Development Bank Corporation. ND = Valores não disponíveis.

Fonte: Holland e Barbi (2010). Elaboração: Scissors (2009) e Autores.

Ainda segundo Holland e Barbi (2010), os investimentos diretos chineses para a América do Sul “devem atuar, em síntese, em pelo menos em três frentes: 1) como forma de garantir fontes de matérias-primas, energia e alimentos para uma economia em forte expansão; 2) como consequência da própria consolidação da indústria chinesa altamente competitiva e voltada para as economias globais; 3) como forma de diversificação perante a sua forte vulnerabilidade ao dólar americano, dado que grande parte de seus ativos estão atrelados à moeda dos Estados Unidos, uma economia com diversas dificuldades macroeconômicas.” (Holland e Barbi, 2010, página 25).

Segundo Vadell (2011) os principais investimentos na América do Sul ocorreram no Brasil, Argentina, Chile, Peru e Bolívia. Segundo o mesmo autor, de acordo com dados até 2010, no Brasil, os principais investimentos ocorreram na mineração do ferro, do aço e setor petroleiro. Isso se dá através da aproximação da China da empresa Vale do Rio Doce, de acordos e investimentos com a Mineradora Gerdau SA e de acordos e investimentos com a estatal brasileira Petrobras. A China também realizou investimentos de US\$ 4,8 bilhões no transporte ferroviário brasileiro.

Na Argentina, o foco está no setor petroleiro. Assim, ocorreram contatos da China com estatal argentina Energia Argentina Sociedad Anónima (Enarsa). Na mineração, os investimentos foram pequenos, porém, ocorreu um evento importante em 2005, que foi a

compra da mina desativada de Sierra Madre por uma companhia chinesa. Com relação à infraestrutura, há interesse mútuo de ativar saídas para o oceano pacífico.

No Chile, o principal setor para investimento é o minerador. No Peru e Bolívia, os investimentos ocorrem em sua maior parte no setor minerador e em infraestrutura, e com valores mais modestos no setor petroleiro e de pesca. O principal investimento no setor minerador está relacionado ao consórcio chinês Shandong Luneng com o Peru e a Bolívia.

Capítulo 02

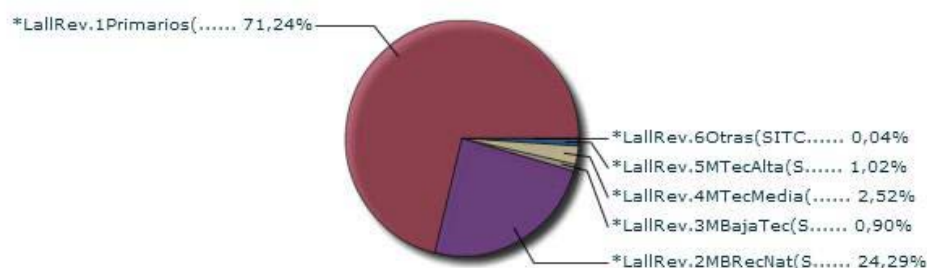
Relações Comerciais entre América do Sul e China: Panorama e Consequências

2.1 – O Comércio entre China e América do Sul

O comércio entre China e América do Sul tem como principal característica a exportação de matérias-primas sul-americanas para a China, e a importação de produtos industrializados chineses.

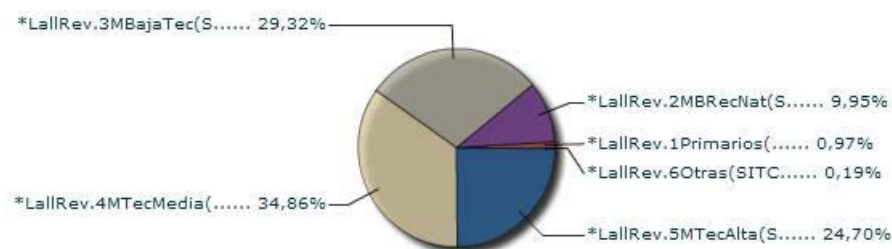
De acordo com dados da ECLAD (2012), em 2011 as exportações sul-americanas para a China foram compostas por 95,53% de produtos primários e recursos naturais, sendo o principal, produtos primários, com 71,24%. Já as exportações chinesas para a América do Sul são compostas em 88,88% por produtos industrializados, sendo a maioria composta por produtos de média tecnologia, com 34,86%.

Figura 4: Exportações da América do Sul para a China em 2011, Agrupadas de Acordo com Intensidade Tecnológica.



Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean* 2012

Figura 5: Exportações da China para a América Latina em 2011, Agrupadas de Acordo com Intensidade Tecnológica.



Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean* 2012

Na expectativa de grandes ganhos com a exportação de produtos primários para a China, além das promessas de investimento, os países da América do Sul foram bastante receptivos com o crescimento deste comércio. De fato, os países da região tiveram grande aumento de suas receitas, ao mesmo tempo em que receberam investimentos. Brasil e Argentina, por exemplo, em 2006 puderam liquidar suas dívidas com o FMI grande parte devido às receitas provenientes do comércio com a China. As exportações e os investimentos recebidos também levaram ao aumento do PIB da região. No entanto, estes “benefícios” devem ser analisados com cautela.

As relações entre China e América do Sul são interpretadas de forma positiva ou negativa, de acordo com diferentes autores. Porém, a maioria das recentes pesquisas alerta que, apesar dos ganhos de curto prazo, existem diversos riscos no longo prazo se a relação continuar nos moldes atuais.

No entanto, deve-se ter cuidado ao avaliar esta relação e seus perigos, uma vez que estes também são causados em grande parte pela falta de políticas de desenvolvimento dos países sul-americanos. Assim, o perigo representado pela China pode servir também como alerta para as necessidades de políticas de desenvolvimento e outras reformas dos países da América do Sul.

Além disso, grande parte dos produtos chineses é elaborada por multinacionais que produzem na região. Assim, o perigo que representa a China, poderia ser representado por qualquer outro país (embora a China mostrou saber como atrair esses investimentos) que tivesse condições atraentes para produção.

Num contexto de grande crescimento da economia chinesa, aliado ao insucesso das medidas e acordos propostos principalmente por EUA e União Europeia, além das crises e diminuições do poder econômico destes países, fizeram com a América do Sul desse ainda mais destaque e credibilidade às relações com a China.

Os EUA e a União Europeia ainda permanecem como importantes parceiros comerciais da América do Sul. No entanto, com a intensificação do comércio com a China, esta se torna cada vez mais importante no comércio com a região, enquanto aqueles perdem cada vez mais relevância.

A China, como grande compradora de *commodities*, gera grandes ganhos de curto prazo para os países sul-americanos, ricos em recursos naturais. Porém, esta relação

reforça o perfil de exportador de produtos primários e recursos naturais da América do Sul, o que pode ser bastante prejudicial a médio e longo prazo. Além dos déficits para a região, devido à exportação de produtos de baixo valor e importação de produtos de alto valor (bens industrializados chineses), a especialização em produtos primários também apresenta desvantagens no sentido de desestimular a industrialização e a diversificação da pauta exportadora. Além disso, há também o problema dos produtos primários serem altamente instáveis, com problemas muitas vezes imprevisíveis, como alterações climáticas.

É importante destacar também que há um padrão de dependência assimétrico, já que, nesta relação, a América do Sul depende muito mais da China, do que a China da América do Sul. Isto pode ser percebido uma vez que enquanto a China está entre os principais parceiros comerciais da América do Sul, a América do Sul representa pequena parte do comércio da China.

Alguns eventos sugerem que os países sul-americanos foram um tanto precipitados e pouco cautelosos nas relações com o gigante asiático. Um exemplo disso refere-se ao reconhecimento da China como economia de mercado. O Brasil, ao fazê-lo, teve em seguida um grande aumento na entrada de produtos industrializados chineses de baixo preço, o que teve efeitos negativos para a indústria nacional. A Argentina também percebeu o dano, uma vez que após o reconhecimento, as importações cresceram abruptamente, e as exportações num nível bem menor. Após o ocorrido, ambos os países procuraram medidas para amenizar a situação.

Além dos ganhos de curto prazo, a China também estimula as relações com a América do Sul através de investimentos (ou promessas de investimentos) e empréstimos atraentes para a região. Apesar dos investimentos poderem ser bastante úteis, uma vez que a América do Sul apresenta carência em inúmeros setores, é preciso analisar com cautela o objetivo e as implicações destes investimentos. Estes investimentos ocorrem em sua grande maioria em setores relacionados à exploração de recursos naturais e produção primária e o escoamento destes produtos para a China. Assim, reforçam a especialização da região em produtos primários.

Além disso, embora os investimentos diretos estrangeiros chineses estejam aumentando na América do Sul e, apesar dos problemas citados, serem úteis à região, percebe-se que, no geral, há uma redução no recebimento de investimento direto estrangeiro pela América Latina, enquanto que na China ocorre um aumento. Assim,

alguns autores como Kardos e Lima (2008)² levantam a hipótese dos investimentos antes destinados à América do Sul, terem sido deslocados para a China.

De acordo com Oliveira (2009)³, a China conseguiu atrair para seu território diversas corporações globais e deslocou para si atividades que seriam realizadas em outras regiões, como a América do Sul. “(A China) deu-lhes como prêmio, por um lado, fatias futuras do seu mercado consumidor e, por outro, o fantástico reservatório de mão de obra qualificada, barata e sem proteção trabalhista, além dos muitos incentivos fiscais e tributários” (Oliveira, 2009, página 309). Este fator em si já prejudica a industrialização na região, uma vez que desloca as indústrias que aqui se instalariam. Assim, este fato, associado ao grande potencial importador chinês de produtos primários e a concorrência dos produtos chineses baratos no mercado interno, que prejudica a indústria local, induz ainda mais a especialização da região na exportação de produtos primários.

Existem alguns investimentos chineses com objetivo de trazer plantas produtivas para a América do Sul, no entanto são poucos e não estão associados ao desenvolvimento da região, mas sim a estratégias produtivas da própria China. Além disso, não há nenhum acordo significativo para a parceria no setor de alta tecnologia (setor em que a China tem mostrado grande empenho), o que seria o melhor para o desenvolvimento dos países da região, uma vez que este setor é o que gera maior valor agregado e que mais beneficia a economia e a população (já que, além do alto valor dos produtos, exige grandes investimentos em pesquisa e capital humano). Neste setor, a América do Sul é considerada apenas como mercado consumidor para a produção chinesa.

De acordo com Santillán (2008)⁴, a relação entre China e América do Sul corresponde ao padrão Sul-Sul de acordo com critérios políticos, e apresenta-se como uma relação Norte-Sul, se avaliada por critérios econômicos.

As relações com a China, num primeiro momento e de acordo com argumentos políticos apresentavam-se nos parâmetros de uma relação Sul-Sul, ou seja, de cooperação para o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. No entanto, observando-se do ponto de vista econômico, a forma como vem ocorrendo, a relação apresenta-se muito mais como uma relação Norte-Sul, ou seja, uma relação Centro-

² In: Paulino e Pires (2009)

³ In: Paulino e Pires (2009)

⁴ In: Paulino e Pires (2009)

Periferia, na qual mais uma vez a América do Sul sairia com desvantagens – ou vantagens pequenas – enquanto o Centro (no caso, a China) obteria grandes vantagens e manteria um alto padrão de crescimento econômico.

A relação é defendida como Sul-Sul devido a fatores políticos, como os princípios da coexistência pacífica que a China alega em suas relações. Estes pregam a não intervenção, respeito mútuo à soberania e uma relação que seja benéfica para todos os países envolvidos. Assim, o aumento das relações com os países subdesenvolvidos, argumentando os princípios de coexistência pacífica e de auxílio no desenvolvimento, caracteriza a relação Sul-Sul. Este modelo resulta em alianças flexíveis e defesa de uma nova ordem multipolar.

Na defesa de uma relação Sul-Sul, alega-se que, embora o padrão de comércio seja da América do Sul como exportadora de matérias-primas e importadora de produtos industrializados, a relação é bastante distinta do “imperialismo” britânico e norte-americano que já estiveram presentes na região. Isso pois há a tendência de exportação de capital chinês e instalação de empresas chinesas na região, voltadas à exportação. Também se tem o fato de que a importação chinesa de matérias-primas sul-americanas se dá porque a China necessita destes produtos, e não para impor-se na região.

No entanto, na prática não é bem isso o que se tem observado. A relação apresenta-se mais para o padrão Norte-Sul, pois além de ocorrer em moldes similares aos das demais potências, apresenta-se ainda mais intensificada pelo fato da China, atualmente, demandar ainda mais *commodities* do que EUA e União Europeia, além de ser uma grande concorrente com os países mais industrializados da região (tanto em mercados externos quanto em seus próprios mercados). Desta forma, gera-se uma relação assimétrica na qual a América do Sul é cada vez mais dependente da China.

Os países da América do Sul, embora haja várias semelhanças, como afinidade cultural e diversos problemas sociais, apresentam diferenças quanto ao tamanho de suas economias e atividades. Desta forma, há diferentes padrões de complementaridade e competitividade, o que faz com que os impactos do aumento das relações da China com a região sejam sentidos de formas diferenciadas.

Para os países que não possuem processos de industrialização, os ganhos nas relações com a China fazem da relação bastante vantajosa, ao menos no curto prazo. No

entanto, ainda assim há desvantagens no longo prazo, uma vez que não há incentivos à industrialização.

Já para países como Brasil e Argentina, que apresentam um parque industrial mais desenvolvido, há o problema da concorrência com a importação de produtos chineses. A entrada de produtos chineses baratos no mercado brasileiro e argentino prejudica a indústria local e acaba estimulando o processo de desindustrialização.

O Brasil é o país que mais comercializa com a China e o que mais recebe investimentos, mas também é o que mais vem sentindo seus efeitos. A indústria brasileira, diante da concorrência chinesa, acaba perdendo mercado interno e externo – para o mercado externo, principalmente na América do Sul – e torna-se mais difícil o crescimento e a diversificação do parque industrial brasileiro.

2.2 – A Especialização em Produtos Primários

Como foi abordado, o comércio com a China reforça o papel da América do Sul como exportadora de produtos primários. Esta especialização gera diversos problemas, pois o crescimento de um país apenas pelo setor primário, sem incentivos à industrialização, é bastante difícil de ocorrer. Assim, apesar de ser importante investir no setor primário, não se pode deixar de lado o setor industrial.

Um destes problemas é a conhecida “Doença Holandesa”. Este termo refere-se ao fato de que o aumento das exportações de recursos naturais gera apreciação na taxa de câmbio, o que eleva o preço dos produtos produzidos localmente e, portanto, desestimula o setor industrial e suas exportações.

De acordo com Loyaza, Fajnzylber e Calderón (2005)⁵, a melhor apreciação da taxa de câmbio não se refere somente ao aumento do preço de *commodities*, mas também às políticas econômicas adotadas. Com as economias mais abertas e com objetivos econômicos e sociais distintos, estes países acabam adotando taxas de juros altas, o que também interfere em taxas de câmbio apreciadas.

Outro problema refere-se a menores incentivos para investimentos em educação. Atividades industriais, principalmente as de bens sofisticados, exigem mão de obra

⁵ In: Holland (2010)

altamente qualificada, o que pede investimentos em educação. Assim, há a necessidade de investimento em capital humano. Já as atividades do setor primário não exigem grande investimento em capital humano, o que induz países com economia baseada em recursos naturais a investir menos em educação. Desta forma, sem investimento em educação (e em Pesquisa e Desenvolvimento), torna-se cada vez mais difícil o crescimento de outros setores (mais sofisticados) além do setor primário e exploração de recursos naturais.

Porém, é fato que o desenvolvimento não é necessariamente oposto ao crescimento da produção de produtos primários e recursos naturais. Isto depende bastante da forma como é administrado, da forma como o país reage a estas grandes exportações. O que ocorre é que há desestímulos aos fatores que levam ao desenvolvimento e crescimento de outras atividades produtivas quando a principal receita provém do setor primário. O desenvolvimento através da especialização na produção de *commodities* é bastante difícil de ocorrer.

Outro problema com relação à especialização em recursos naturais refere-se ao fato da volatilidade do preço das *commodities*, uma vez que estas são altamente dependentes de fatores bastante imprevisíveis e difíceis de serem influenciados, como fatores climáticos e da demanda externa. Este problema agrava-se ainda mais no caso dos países sul-americanos, que possuem alta concentração em poucos produtos para exportação, e alta concentração em relação aos parceiros comerciais, sendo a China correspondente a grande parte das relações comerciais da região. Ou seja, estes países concentram-se em poucos produtos e poucos mercados, estando ainda mais sujeitos aos problemas da volatilidade dos produtos primários. Ao ficarem dependentes de produtos de valores voláteis e, portanto, de uma receita incerta, ocorrem prejuízos com relação aos investimentos, uma vez que o risco induz a redução de investimentos do governo como forma de precaução a uma possível redução das receitas.

Outro fator desfavorável à concentração no setor primário refere-se a impactos sociais. Neste caso, os ganhos com as exportações se distribuem de maneira bastante desigual, favorecendo a riqueza na mão de poucos e baixos salários da grande maioria dos trabalhadores, principalmente em países com pouco empenho para uma distribuição justa da riqueza, como os sul-americanos. Desta forma, para os países da América do Sul, que já possuem problemas com a concentração de riqueza, o problema é ainda mais grave e intenso.

Problemas ambientais também costumam ser frequentes, uma vez que a exploração intensa de recursos naturais e a produção agropecuária acelerada costumam estar em desacordo com questões e preocupações ecológicas, principalmente em países com poucas regulamentações neste sentido, como é o caso dos países sul-americanos. Este problema torna-se cada vez mais grave na medida em que o desenvolvimento sustentável e a preocupação com o meio ambiente são cobranças mundiais.

2.3 – O Possível Fim da Influência Norte-Americana

A aproximação com a China é vista por muitas economias da América do Sul como uma alternativa para aumentar sua importância e “autonomia” no cenário internacional, principalmente para países liderados por governos de esquerda e que desejam (por fatores econômicos e ideológicos) diminuir (ou até romper) as relações com os EUA. A crescente importância chinesa no contexto da economia global deixa claro que prováveis mudanças ocorrerão nas relações de poder e hegemonia. Assim, para muitos países, a China é vista como um novo parceiro que representa tanto vantagens econômicas (devido principalmente às dimensões e potenciais de sua economia), quanto vantagens políticas e ideológicas, como na questão do aumento de liberdade, uma vez que pode diminuir o poder de influência de outras potências, como os EUA que exercem hegemonia sobre a região.

Porém, se por um lado a entrada da China na América do Sul representa uma oportunidade de novo mercado e diminuição da hegemonia norte-americana na região, por outro pode significar uma nova relação de dependência, uma vez que, como já foi abordado, sua relação com a América Latina, na prática, ocorre muito mais próxima do modelo Norte-Sul.

Ainda é preciso lembrar que a relação da China com a América do Sul é marcada pelo pragmatismo, e sua estratégia pondera não estabelecer conflitos com as demais potências. Assim, a China não possui intenção de enfrentar os EUA pela hegemonia na América do Sul e, desta forma, pode acabar por não colaborar para o fim da influência norte-americana (ou de possíveis outras nações) sobre a região.

Por todos esses fatores, é muito importante que cada país da América do Sul avalie a forma como ocorre a relação com a China, tanto pela questões comerciais quanto pelas

esperanças políticas e de investimentos, de forma que os ganhos de curto prazo não resultem em prejuízos ainda maiores em longo prazo.

Capítulo 03

Evolução do Comércio entre América do Sul e Brasil e Dificuldades para Integração da Região

3.1 – Evolução do Comércio entre Brasil e América do Sul

Desde o século XX, a relação com a América do Sul não está entre as prioridades da política externa brasileira. A questão passou a tomar maior importância na década de 1990, porém ainda não foi discutida de forma objetiva e com metas bem planejadas.

Durante o século XX, o Brasil teve dois tipos de política externa, sendo um deles constituindo uma relação especial com os EUA, e outro com viés mais autonomista. No entanto, mesmo quando estava num momento de busca de maior autonomia internacional e de diversificação de parceiros comerciais e políticos, o Brasil não priorizou os demais países da América do Sul.

A América do Sul passou a ganhar certo destaque devido a fatores como: potencial para ser um importante mercado consumidor para os produtos manufaturados brasileiros, por ser um importante destino de IDE por parte de empresas brasileiras, devido à questão da integração energética, fluxos migratórios no continente, além de temas relacionados a questões ambientais (com destaque para a região amazônica) e crescimento do ilícito transnacional.

A tentativa de criação da ALCSA (Área de Livre Comércio Sul-Americana), as negociações entre o MERCOSUL e a CAN (Comunidade Andina), o envolvimento com a IIRSA (Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) e as tentativas de fortalecer o Tratado de Cooperação Amazônica mostram o objetivo de ampliar a importância da América do Sul para as relações do Brasil na década de 1990.

Nos anos 2000, com a ascensão de forças de esquerda e o crescimento das economias sul-americanas (entre 2001 e 2008), os projetos de integração da América do Sul ganharam força. Após a ascensão de governos populistas na região e das tentativas de integração regional, as iniciativas brasileiras para a América do Sul passaram a diminuir a ênfase comercial, englobando também temas de outras naturezas, como temas relacionados a questões ambientais, sociais, culturais, energéticas e outras questões econômicas. Esta

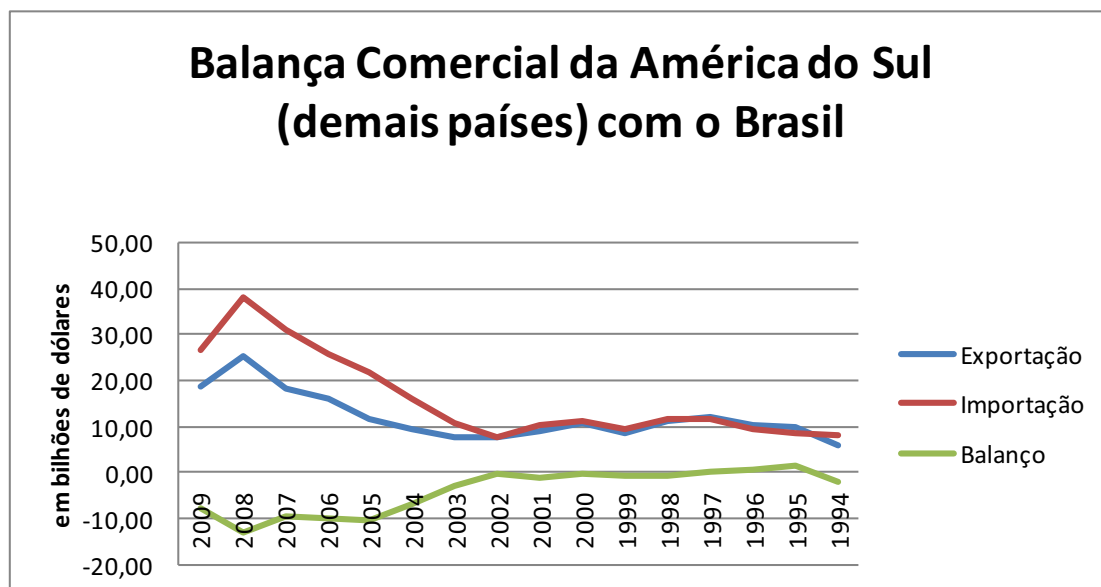
mudança ocorreu porque foi percebido que os projetos e estratégias aplicados na década de 1990 e a ênfase apenas na questão comercial já não eram suficientes para abranger os interesses brasileiros na América do Sul.

No entanto, apesar da ampliação da agenda, nota-se falta de foco e de estratégias claras e bem delineadas do Brasil para a integração com a América do Sul. Pouco se vê sobre a questão da integração em debates públicos; não há clareza sobre os interesses e benefícios da integração para diversos setores e grupos sociais do Brasil; e não há a definição de qual a importância da América do Sul para a política externa brasileira.

É válido ressaltar que a estabilidade política e econômica e o desenvolvimento da região também são importantes para a atração de IDE para o Brasil. Muitas multinacionais, em suas decisões de investimento, analisam a América do Sul como um todo, ou seja, como uma região integrada. Assim, as dificuldades de transporte e circulação de mercadoria e as diferenças entre as leis que regem o comércio entre os diferentes países da região, acabam por prejudicar a entrada de capitais externos no continente como um todo, inclusive no Brasil.

Em relação à trajetória comercial, entre 1994 e 2000, de acordo com dados da ECLAD (2012), as exportações dos demais países da América do Sul para o Brasil cresceram cerca de 215%. Já entre os períodos entre 2000 e 2009, ocorreu um aumento de cerca de 77%. As exportações brasileiras para os demais países da América do Sul, entre 1994 e 2000, tiveram um crescimento de aproximadamente 227%. Já no período entre 2000 e 2009, o aumento foi de cerca de 149%. Assim, percebe-se que as exportações brasileiras para a América do Sul cresceram mais do que as exportações dos demais países sul-americanos para o Brasil entre 1994 e 2000. Este fato é ainda mais acentuado entre os anos 2000 e 2009.

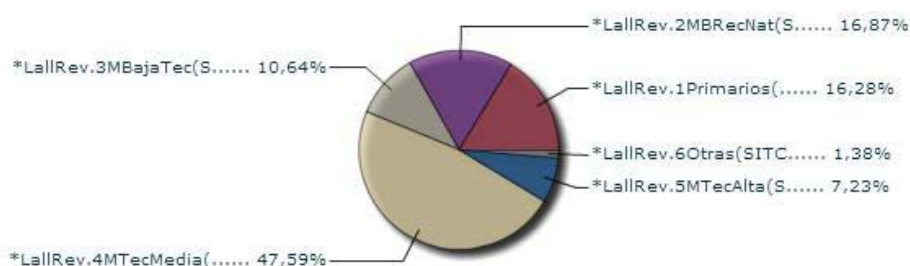
Gráfico 4: Exportações, Importações e Balança Comercial da América do Sul com o Brasil.



Elaboração própria. Fonte: Dados da Economic Commission for Latin America and the Caribbean 2012

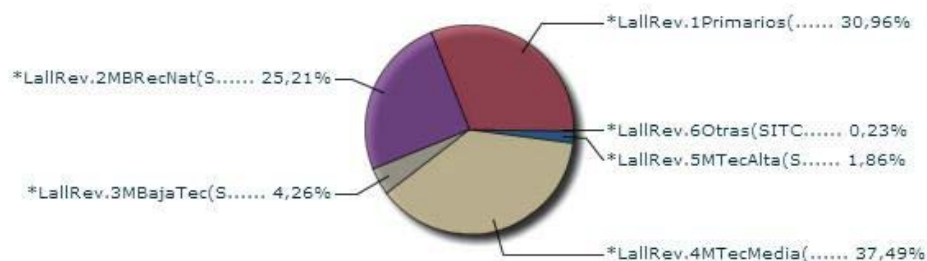
O saldo da balança comercial entre 1994 e 2002 mostrou-se razoavelmente equilibrado, com pequenos ganhos para o Brasil. Porém, a partir de 2003, os superávits brasileiros tornaram-se mais marcantes.

Figura 6: Exportações do Brasil para a América do Sul em 2011, Agrupadas de Acordo com Intensidade Tecnológica.



Fonte: Economic Commission for Latin America and the Caribbean 2012

Figura 7: Exportações da América do Sul para o Brasil em 2011, Agrupadas de Acordo com Intensidade Tecnológica.



Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean* 2012

Tanto as exportações da América do Sul para o Brasil, quanto do Brasil para a América do Sul, têm sua maioria em produtos de média tecnologia. No entanto, enquanto as exportações brasileiras para a América do Sul de produtos de média e alta tecnologia correspondem a 54,82%, as exportações dos demais países sul-americanos para o Brasil destes produtos correspondem a 39,35%. Desta forma, percebe-se uma vantagem para o Brasil por exportar para a região maior volume de produtos de maior intensidade tecnológica e valor agregado.

3.2 – Evidência Empírica da Perda de Mercado do Brasil na América do Sul

Holland (2010), utilizando testes econométricos, analisou a trajetória e interdependência entre taxas de crescimento de exportações dos países sul-americanos com importações dos principais parceiros comerciais (no caso: EUA, Zona do EURO, China e Brasil / América do Sul). Os dados referem-se ao período de 1980 – 2008.

A conclusão foi de que o crescimento das importações chinesas foi o fator mais significativo para as exportações sul-americanas (brasileiras inclusive). O crescimento das importações chinesas representou de 30% a 74% da variação do crescimento das exportações da maioria dos países sul americanos. EUA, Europa e o comércio intra-regional da América do Sul ainda são importantes, porém perdem significado com o crescimento das relações com a China. EUA e Brasil tiveram taxas próximas de 10% (cada um) de importância para o crescimento das exportações da América do Sul.

Para o Brasil, foram observadas as relações com a China, EUA, Europa e demais países sul-americanos. O resultado, conforme exposto, foi que a taxa de crescimento das importações chinesas foi o mais importante, representando 40% do crescimento das exportações brasileiras. Em segundo lugar ficaram os EUA.

Assim, segundo o estudo de Holland (2010), fica evidenciado que “O aumento do comércio com a China reforça o Brasil como exportador de produtos baseados em recursos naturais, assim como toda a região como exportadora de *commodities*.” (Holland 2010, página 11) Este argumento evidencia-se também com os dados expostos no início do capítulo, pois enquanto a China cresce sua exportação de produtos manufaturados (com cada vez mais alta tecnologia), o Brasil aumenta a exportação de *commodities* e recursos naturais.

3.3 – As dificuldades de Integração com a América do Sul

Uma das estratégias para enfrentar a concorrência chinesa seria uma maior união com a América do Sul. Isso tanto para atrair maiores investimentos externos para a região como um todo, quanto para garantir mercado para os manufaturados brasileiros, pois a região, como tradicional importadora de produtos manufaturados, é uma oportunidade para o Brasil, devido a fatores como proximidade e afinidade de padrões de consumo.

Porém, de acordo com o relatório de CINDES (2007), muitos problemas de ordem interna e externa são prejudiciais para que o Brasil possa desempenhar políticas de integração regional.

Conforme foi mencionado, o Brasil possui falta de clareza e empenho para a definição de objetivos e estratégias para a integração com a América do Sul, além dos problemas de outras naturezas. Assim como é comum para países de dimensões continentais, o Brasil possui uma política voltada “para dentro”, ou seja, as questões e fatores internos possuem mais relevância para políticas econômicas.

Outro problema é que o Brasil é fortemente influenciado pelas decisões e ambições de suas elites, e as elites brasileiras nem sempre vêem a importância da integração regional e nem sempre possuem identidade e simpatia com as demais nações sul-americanas.

As diferenças de interesse entre setores e regiões do país também podem ser prejudiciais para definir os objetivos da integração regional, uma vez que podem ser conflitantes. Enquanto para as regiões Sul e Sudeste, a prioridade é o MERCOSUL, para as regiões Norte e Nordeste, os maiores interesses seriam estreitar laços com os países no norte do subcontinente.

Outro problema é que a maioria dos órgãos governamentais pouco se preocupa com a dimensão regional, estando mais preocupados com a posição do Brasil no cenário internacional como um todo, com participação relevante em órgãos multilaterais e a posição perante países desenvolvidos. Isso resulta em diversas barreiras (tarifárias e não tarifárias), grande parte das quais são desnecessárias e bastante prejudiciais para a integração (comercial e física) e para o desenvolvimento regional.

A alta demanda externa por produtos primários e recursos naturais e o potencial do Brasil na exportação desses produtos fazem com que se invista e se especialize cada vez mais neste setor. Desta forma, o país passa a dedicar esforços para a integração e acordos que favoreçam a exportação de produtos primários e recursos naturais que, por sua vez, dirigem-se a países desenvolvidos e outros países emergentes. Assim, a América do Sul passa a ter ainda menor importância nas relações externas do Brasil, uma vez que não é mercado para os produtos referidos.

No entanto, não são apenas os problemas internos brasileiros que atrapalham os projetos de integração regional. Fatores externos, diferenças ideológicas e problemas internos de outros países também dificultam as relações entre a América do Sul e limitam a capacidade brasileira de estabelecer projetos bem sucedidos para a integração sul-americana. Um desses problemas está relacionado à grande diferença de tamanho territorial do Brasil em relação aos demais países da região. Esta diferença provoca a desconfiança de outros países sul-americanos em relação a um possível comportamento hegemônico e maléfico do Brasil para a região.

Outro desses obstáculos são os acordos comerciais de países da América do Sul, como Chile, Argentina e Uruguai, com países fora da região, como principalmente com os EUA e países asiáticos. Estes acordos acabam afastando ou desfavorecendo os demais países sul-americanos, desestimulando a relação de comércio e a integração.

Diferenças ideológicas também atrapalham a integração, tanto no âmbito do comércio como em outros como a integração física e energética. A coexistência de países com políticas nacionalistas e de esquerda com países com políticas mais liberais, acaba por inviabilizar projetos de integração que precisam de concordância sobre o papel do Estado na economia e objetivos e estratégias de inserção internacional.

Outro fator que também é um obstáculo é que, assim como o Brasil, a maior parte dos países sul-americanos também prioriza assuntos internos em detrimento de políticas de integração regional.

Para uma melhor relação entre o Brasil e os demais países da América do Sul, o Brasil deveria investir em exportar para a região produtos que não concorram com estes países em seus próprios mercados, ou seja, focar em substituir as importações de países como China e Europa, por exemplo. Isso faria com que houvesse uma melhor aceitação da presença brasileira na região e menor resistência para a entrada dos produtos. Da mesma forma, a América do Sul deveria investir em integrar sua cadeia produtiva, pois isto resultaria em uma melhor inserção do sub-continente no cenário internacional, com ganhos para todos os países.

Capítulo 04

Efeitos da Concorrência Chinesa para o Brasil e a Perda de Mercado

De acordo com Pires (2009, página 95)⁶ “Em diversas partes do mundo, variados setores industriais, principalmente de economias mais maduras, têm enfrentado muitas dificuldades decorrentes da oferta de bens e serviços manufaturados chineses. A produção de bens de capital nos Estados Unidos, a produção de confecções de seda na Itália; a produção siderúrgica na Alemanha e nos Estados Unidos; a produção de equipamentos eletrônicos no México; a produção de autopeças e de veículos automotores na Coreia do Sul e no Japão; a produção de tecidos e de confecções em qualquer lugar do mundo... são exemplos de que nenhuma economia minimamente industrializada consegue ficar imune à concorrência chinesa. Um país semi-industrializado como o Brasil muito menos.”

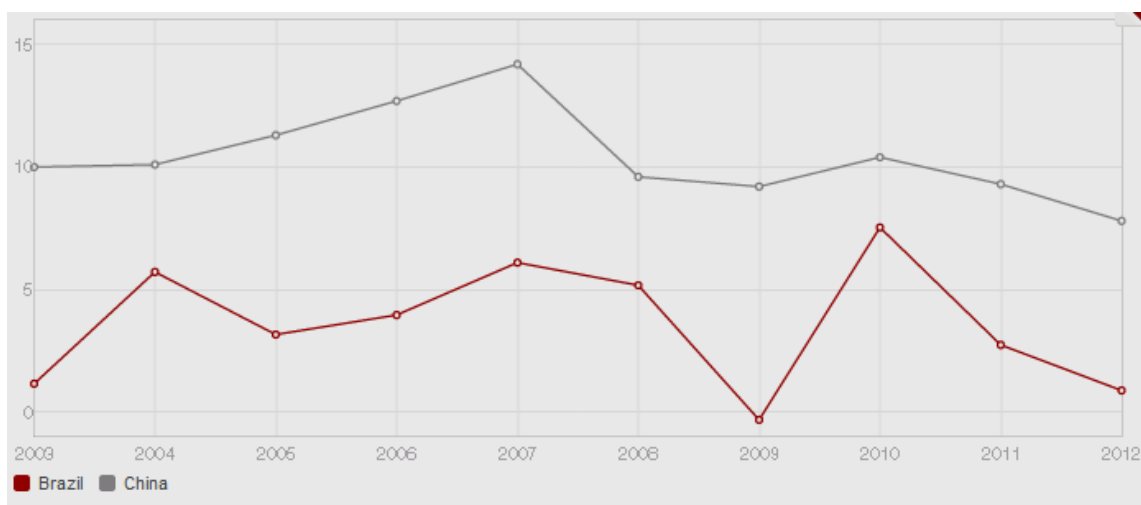
Assim, o problema de concorrência chinesa que atinge o Brasil é apenas mais um de muitos casos parecidos, ou seja, não é um fato isolado, mas sim parte comum do novo cenário internacional. Neste sentido, além de preocupar-se com medidas contra a China, o governo brasileiro deveria estar ainda mais preocupado em desenvolver sua indústria nacional, procurar formas de melhor integração com a América do Sul e melhor inserção no comércio internacional, aceitando que a concorrência chinesa é parte do novo contexto.

4.1 – Brasil e China: Breve Comparativo para o Cenário Internacional

Enquanto a China apresentou elevadas taxas de crescimento econômico nos últimos anos, o Brasil apresentou taxas de crescimento bem mais modestas e voláteis, conforme gráfico abaixo:

⁶ In Paulino e Pires (2009).

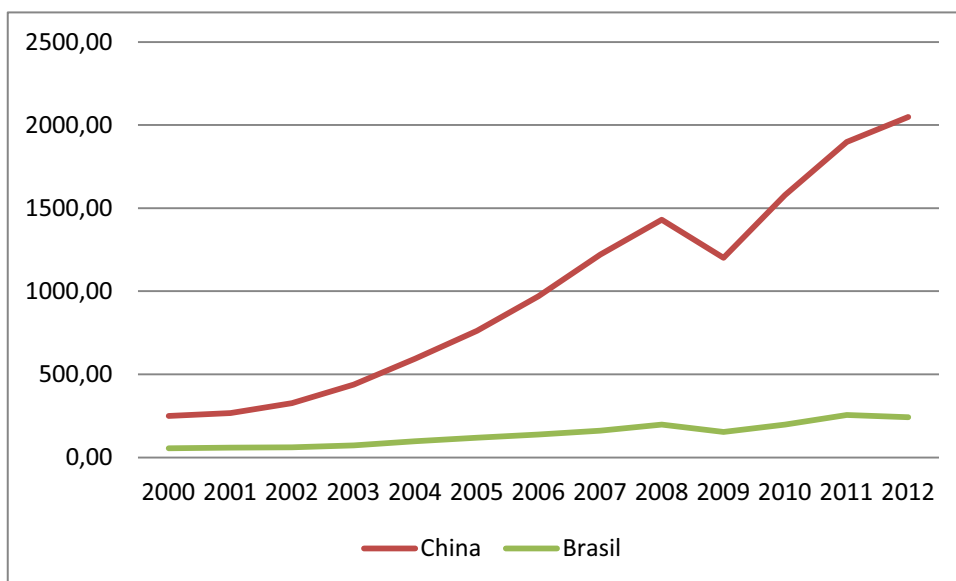
Gráfico 5: Crescimento do PIB (anual %)



Fonte: Banco mundial, disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG/countries/BR-CN?display=graph>

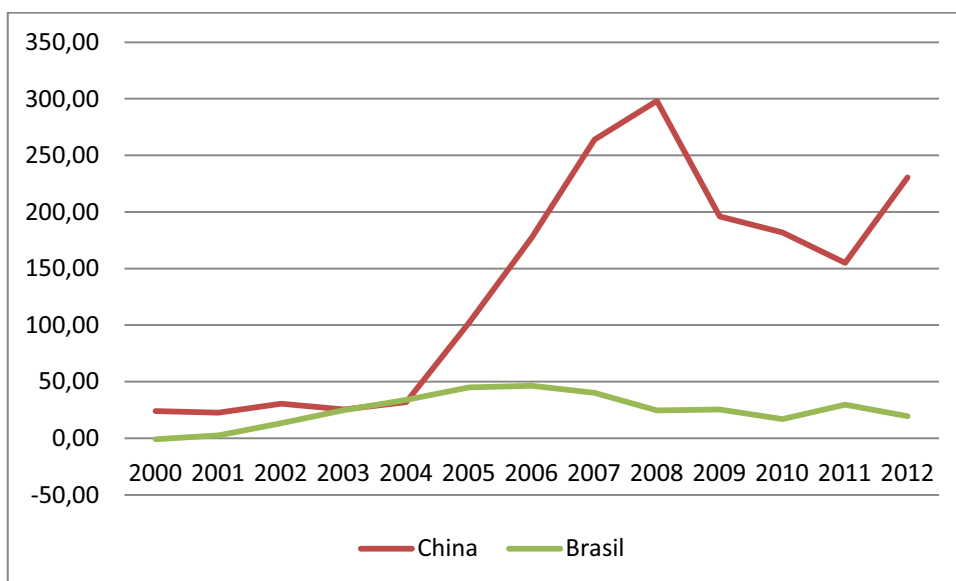
Em relação ao comércio, enquanto a China aumentou sua participação nas exportações mundiais a taxas elevadas, o Brasil apresentou pequenas elevações. O mesmo é observado em relação ao saldo da balança comercial. Estes fatores, sabendo-se que o Brasil é um grande produtor de *commodities*, mostram que o pequeno crescimento das exportações e do saldo da balança comercial brasileira estão muito mais atrelados ao aumento do preço de *commodities* do que a diversificação da estrutura produtiva. Já a China aumenta suas exportações à medida que agrega cada vez mais valor aos seus produtos. Apesar da queda de exportações em 2008 e 2009 para ambos os países, devido à crise mundial, as tendências permanecem as mesmas, conforme mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 6: Exportações Totais China e Brasil (em bilhões de dólares)



Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean* 2012. Elaboração Própria.

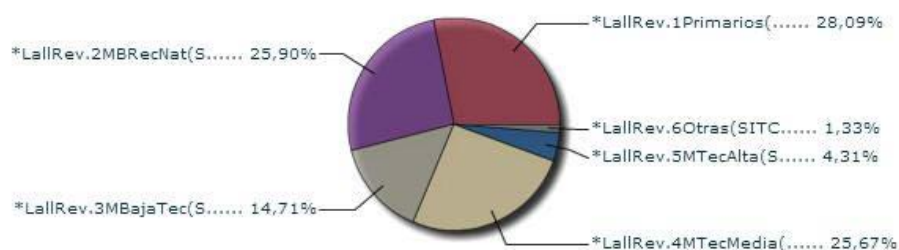
Gráfico 7: Saldo da Balança Comercial (em bilhões de dólares)



Fonte: *Economic Commission for Latin America and the Caribbean* 2012. Elaboração Própria.

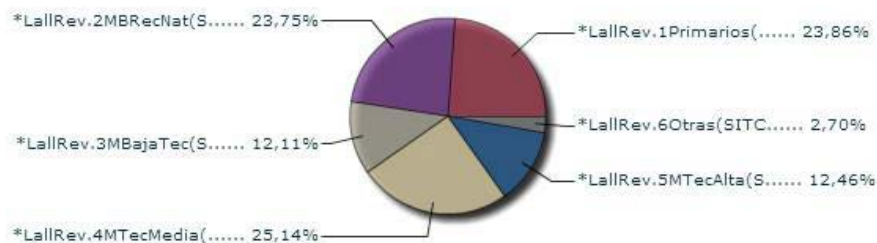
De acordo com a densidade tecnológica, a pauta de importações do Brasil ocorre com a seguinte evolução:

Figura 8: Exportações Totais do Brasil em 1990 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica.



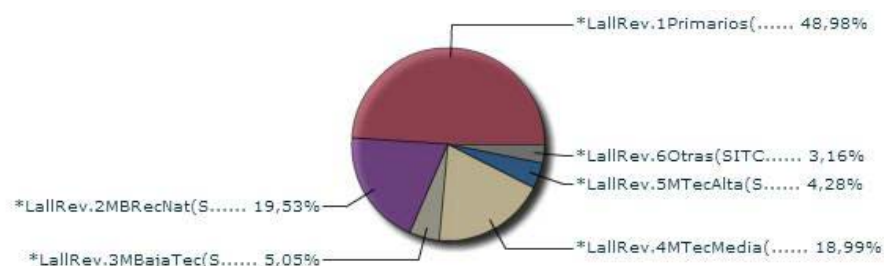
Fonte: Economic Commission for Latin America and the Caribbean 2012

Figura 9: Exportações Totais do Brasil em 2000 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica.



Fonte: Economic Commission for Latin America and the Caribbean 2012

Figura 10: Exportações Totais do Brasil em 2011 Agrupadas de Acordo com a Intensidade Tecnológica.



Fonte: Economic Commission for Latin America and the Caribbean 2012

Assim, se de 1990 à 2000 houve uma pequena diminuição de 4 pontos percentuais da produção de produtos primários, de 2000 para 2011 houve um grande aumento (de 25,12 pontos percentuais), o que reforça a posição do Brasil como produtor de *commodities* no atual contexto internacional.

Logo, enquanto a China cresce em participação em manufaturados, o Brasil acentua sua participação como exportador de *commodities* e recursos naturais.

Sobre a concorrência chinesa, de acordo com dados da CNI 2011, 28% das empresas no Brasil concorrem com produtos chineses no mercado doméstico. As mais afetadas são as de maior porte: são afetadas 41% das empresas de maior porte, 32% das de médio porte e 24% das de pequeno porte. Os setores mais afetados são material eletrônico e de comunicações e têxteis (cerca de 70%), equipamentos hospitalares e de precisão, calçados e máquinas e equipamentos (cerca de 50%).

Desses 28% de empresas que concorrem com produtos chineses, segundo o estudo, cerca de 45% das empresas foram prejudicadas ao perder participação no mercado interno. Apesar das empresas de grande porte enfrentarem maior concorrência com os produtos chineses, foram as empresas de menor porte que mais perderam espaço para estes produtos: perderam mercado 49% das pequenas empresas (das 24% que enfrentam concorrência chinesa), 47% das médias e 32% das grandes.

Para o mercado externo, segundo a mesma pesquisa da CNI 2011, a concorrência com produtos chineses é ainda maior: 52% das empresas que exportam concorrem com os chineses e, destas, 67% perderam mercado para os produtos chineses, 4,2% deixaram de exportar (pequenas e médias empresas) e as demais (27%) não perderam ou ainda ganharam mercado apesar da concorrência. Nota-se, assim, a intensificação do problema de perda de mercado em relação à pesquisa realizada em 2006, na qual 54% das empresas concorriam com produtos chineses no mercado externo, sendo que destas 58% perderam participação de mercado e 6% deixaram de exportar (e não voltaram).

Os setores mais afetados no mercado externo foram os têxteis, máquinas e equipamentos e produtos de metal, para os quais 80% das empresas perderam clientes externos para a China, e setor de calçados com 21% das empresas deixando de exportar.

Ainda segundo dados da CNI 2011, cerca de 50% das empresas brasileiras (70% das grandes e 42% das pequenas) já definiram estratégias para lidar com a concorrência chinesa (tanto externa quanto interna); na pesquisa de 2006, o percentual era de apenas 29%. Neste sentido, as principais medidas adotadas foram: 48% das empresas investiram em qualidade e/ou design dos produtos, 45% investiram em redução de custos e/ou ganhos de produtividade. Este cenário é um pouco diferente em comparação com a pesquisa de

2006, no qual a principal medida era a redução de custos, que foi adotada por 48% das empresas, e qualidade e design foi adotada por 40% das empresas.

4.2 – Exemplo: Breve Panorama da Indústria Têxtil

De acordo com Welle 2012, as vendas brasileiras de vestuário cresceram 3,4% em 2012, porém com uma diminuição de 4,5% na produção têxtil e 10,5% de confecções, devido à maciça entrada de produtos importados no setor, para os quais a maior parte corresponde aos produtos chineses. Esta concorrência prejudica tanto o mercado interno quanto o mercado externo. Com base em dados da Abid⁷, as importações de vestuário chinês aumentaram cerca de 40% no primeiro semestre de 2012 em relação ao primeiro semestre de 2011.

O fato da perda de mercado e diminuição da produção torna-se ainda mais preocupante ao levar-se em conta que a indústria têxtil é a segunda maior em emprego dentre as indústrias de transformação.

A disparidade entre o crescimento de vendas do setor e produção nacional é evidenciada conforme a figura abaixo:

Figura 11: Mercado Interno e Produção x Importações



Fonte: Abit (2013)

⁷ In Falcão, 2012

De acordo com Abit (2013), a balança comercial brasileira apresenta déficit crescente entre 2005 e 2013, e um grande aumento no volume de importações, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 8: Balança Comercial Brasileira do Setor Têxtil e de Confecção



Fonte: Abit (2013)

Os motivos da perda de competitividade do setor são os mesmos responsáveis pela perda de competitividade da indústria em geral: câmbio valorizado (que favorece a entrada de importados e dificulta a exportação de nacionais), falhas em infraestrutura (problemas para transporte dos produtos e alto custo da energia elétrica), elevada carga tributária, escassez de mão de obra qualificada, maiores custos com mão de obra em comparação com a China, excesso de burocracia.

Assim, é necessário para o setor, a atuação do governo com relação ao câmbio, infraestrutura, desoneração tributária e melhoria na educação. Para as empresas, é preciso maiores investimentos em redução de custos, mas principalmente em inovação e desenvolvimento de produtos diferenciados, com marcas que adquiram a preferência do consumidor e que, assim, a competição não se dê apenas por preço. É claro que as demais ações com foco em redução do custo/preço dos produtos finais é importante, pois a variação de preço entre produtos chineses e brasileiros sempre será um ponto importante

para o consumidor e, quanto maior for esta variação, mais difícil será reter a preferência por outros meios. No entanto, devido as grandes vantagens da China em custos, é importante procurar outros caminhos.

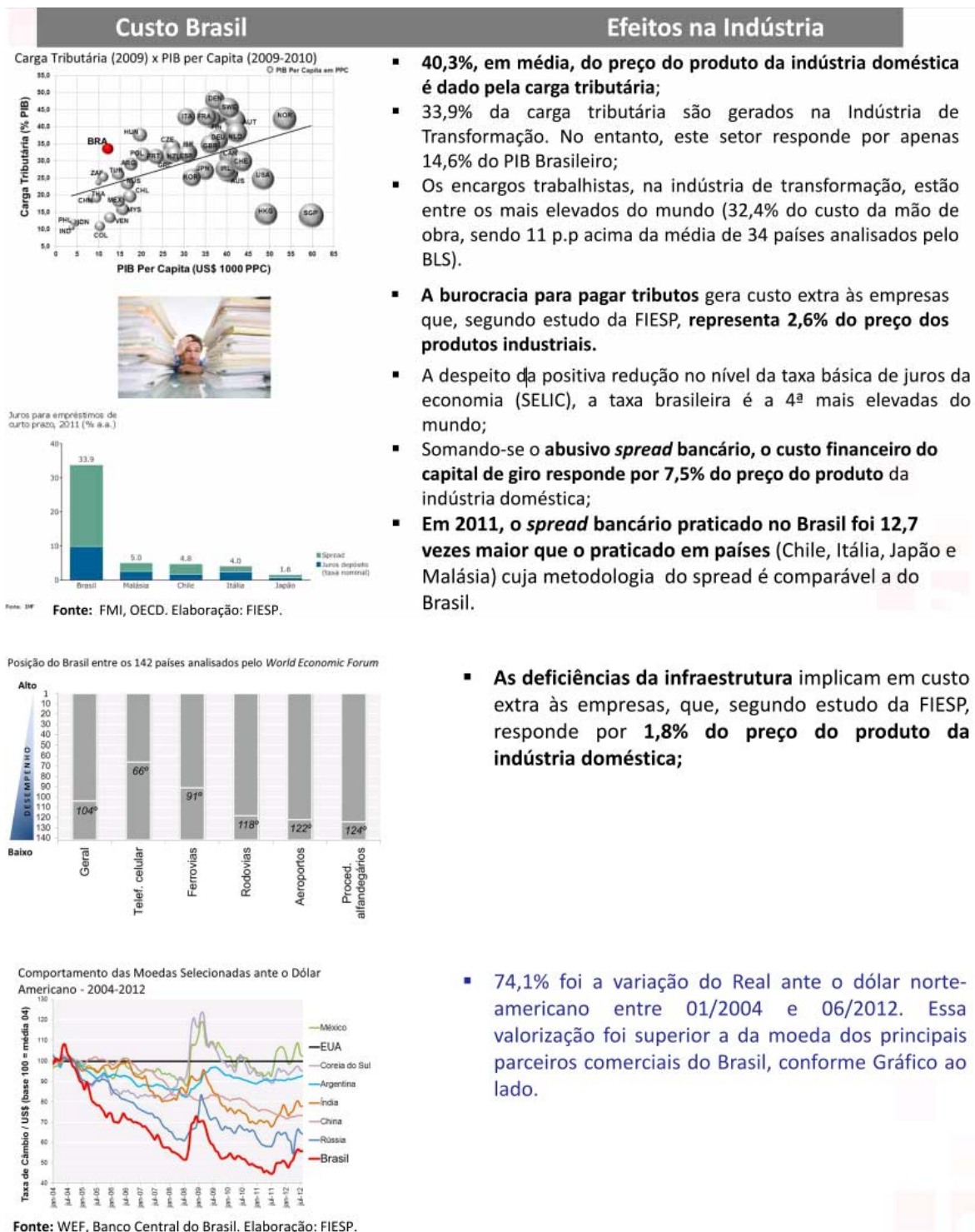
4.3 – Além da China

4.3.1 – Os Problemas do Brasil

O progresso da China na industrialização é bastante parecido com o de outras nações asiáticas que também tiveram êxito neste quesito. De acordo com Pires (2009) “Esses processos de industrialização estavam ancorados em cinco pilares: na forte participação do setor público na economia; no aumento do nível educacional da população; na internacionalização de tecnologia estrangeira; num elevado grau de exploração da força de trabalho; e no câmbio desvalorizado.”² (Pires 2009, página 98) Estes pilares são bastante distintos do que se apoia a economia brasileira.

Segundo dados da FIESP, as traves para o aumento da produção de produtos manufaturados estão no custo Brasil e taxa de câmbio. Os elevados gastos do governo brasileiro exigem uma alta carga tributária e juros elevados. Além disso, o Brasil possui um dos mais elevados *spreads* bancários. Cada um destes fatores é prejudicial por si só para os investimentos e, juntos, reforçam um cenário nada atraente para investimentos produtivos. Além disso, as valorizações cambiais também prejudicam as exportações de manufaturas (conforme será melhor exposto adiante). Tudo isso fica mais claro conforme ilustração da FIESP.

Figura 12: Custo Brasil e Efeitos na Indústria



Fonte: FIESP (2012)

A infraestrutura é uma variável muito importante para o desenvolvimento da indústria. Para o Brasil, no entanto, a infraestrutura é precária e insuficiente. O país sofre com questões de abastecimento de energia (apagões são o exemplo disso); problemas com

vias de transporte, seja por rodovias, ferrovias, aeroportos e portos com problemas de estado de conservação, insuficiência para atender a demanda, necessidade de modernização, reforma e ampliação.

São prejudiciais também as falhas em educação, uma vez que não temos a mão de obra qualificada suficiente tanto em número quanto em qualidade de educação, principalmente em nível superior/técnico. Além disso, muito diferente dos países desenvolvidos, enquanto nestes grande parte das pesquisas acadêmicas são levadas para os setores produtivos, no Brasil as pesquisas costumam ficar restritas aos ambientes universitários.

Há também excesso de burocracia para os negócios e alta arrecadação tributária que inviabilizam a produção e exportação. Porém, apesar de todos esses fatores que influenciam nossa competitividade, uma variável muito importante é o câmbio. Desde o plano real, o Brasil passou por grandes períodos de câmbio valorizado. Assim, além dos investimentos nas demais variáveis para aumentar a competitividade dos produtos brasileiros, é preciso também uma ação do governo com relação ao câmbio.

Além dos problemas internos, é válido ressaltar também que a perda de mercado no caso da América do Sul também é consequência da falta de integração da região, cujos principais problemas foram discutidos no capítulo anterior.

4.3.2 – Necessidade de Inovação

Como já foi evidenciado, ações do governo são muito importantes para que o Brasil possa aumentar seu setor industrial e ganhar mais mercado. No entanto, é necessária a mobilização também do setor privado.

Como a China possui inúmeras vantagens perante o Brasil sobre os custos de produção, é importante que as empresas pensem em novas maneiras de ganhar mercado que não apenas por preço. Isso porque mesmo com esforços do governo, é difícil alcançar um patamar melhor do que o chinês em relação aos custos. Além disso, as ações governamentais, como relacionadas à infraestrutura e educação, por exemplo, são medidas para médio e longo prazo, o que exigem novos planos para o curto prazo, já que o problema da perda de competitividade é urgente.

Desta forma, uma das soluções seria que as empresas brasileiras investissem mais em design e qualidade dos produtos (fato que já está começando como exposto anteriormente), em inovação e em agregar mais tecnologia aos produtos. Essas características diferenciariam os produtos brasileiros dos chineses e, assim, a concorrência não se daria apenas por preço. Para que isso ocorresse seria importante que as empresas investissem em pesquisas de mercado para conhecer as preferências e hábitos de consumo do público alvo, para detectar as oportunidades de diferenciações e nichos de mercado a explorar. Para o público selecionado, deveria ser privilegiado, além do mercado interno, a América do Sul, devido as vantagens logísticas e, sendo a região tradicionalmente importadora de manufaturas, é um mercado com grandes oportunidades de inserção para a indústria brasileira.

Conforme foi exposto anteriormente, pesquisas acadêmicas costumam ficar restritas apenas aos próprios meios acadêmicos. Desta forma, seria importante maior integração entre o setor acadêmico e setor produtivo para que os estudos em inovação resultassem, de fato, em melhora de competitividade. Para isso, seriam importantes investimentos do setor privado em pesquisas, pois isso resultaria em melhorias para o próprio setor.

Assim, fatores internos como questões de infraestrutura, educação, câmbio e investimentos/incentivos para o setor industrial, juntamente à alta demanda externa por *commodities*, dificultam o desenvolvimento da indústria brasileira e produção/exportação de produtos de maior valor agregado, o que inviabiliza uma melhor inserção do Brasil no contexto mundial. Estes fatos aliados com a dificuldade de integração da América do Sul e crescente exportação da China para a região fazem com que o Brasil diminua participação nas importações (principalmente de manufaturados) da região. Além da necessidade das ações governamentais, também é importante o empenho do setor privado principalmente em inovação e tecnologia para os produtos, para que estes possam ganhar preferência em relação aos itens chineses.

Considerações Finais

Com elevadas taxas de crescimento econômico e participação cada vez maior no comércio internacional, a China também está cada vez mais presente na América do Sul. Estas relações intensificaram-se na década de 2000 principalmente devido à crescente necessidade chinesa por matérias-primas e pela expansão de mercados consumidores além dos tradicionais parceiros (demais países asiáticos, EUA e União Europeia).

A presença chinesa na região é orientada majoritariamente por interesses comerciais, uma vez que a China mantém o pragmatismo em suas relações. Também se dão através de investimentos chineses, porém estes ainda são pequenos perante a dimensão comercial. Além disso, estes próprios investimentos, por estarem associados em sua grande maioria à produção e escoamento de produtos importados pela China, também estão associados às questões comerciais.

Assim, a relação entre América do Sul e China caracteriza-se pela importação chinesa de produtos primários e recursos naturais, e exportação de produtos manufaturados de valor agregado cada vez mais alto. Esta relação, embora resulte no aumento das receitas no curto prazo, precisa ser vista com cautela, pois pode ser bastante prejudicial em médio e longo prazo.

Uma vez que as relações com a China incentivam o caráter produtor de *commodities* dos países da região em detrimento de investimentos no setor industrial, estes países ficam sujeitos aos problemas de basear sua economia em produtos de baixo valor agregado e pauta de exportação pouco diversificada, o que gera graves dificuldades para o crescimento econômico.

Um dos problemas é a chamada “doença holandesa”, que se refere ao fato de que o crescimento da exportação de recursos naturais causa a apreciação da taxa de câmbio, o que aumenta o preço em dólar dos produtos locais e, com isso, desestimula a produção e exportação do setor industrial.

Além disso, como as atividades industriais exigem mão de obra especializada, acabam por exigir investimentos em educação (demanda cada vez maior quanto mais

sofisticados forem os bens produzidos). Logo, o desestímulo às atividades industriais são também desestímulos para investimentos em educação.

Outro grave problema é que os produtos primários e recursos naturais apresentam preços altamente voláteis, uma vez que dependem de fatores pouco previsíveis e manipuláveis como a demanda externa e fatores climáticos. Este fato torna-se ainda mais perigoso no caso dos países sul-americanos, cujas pautas exportadoras são concentradas em poucos produtos e poucos parceiros comerciais representativos.

Questões ambientais também costumam ser pontos de problemas, uma vez que a produção acelerada de *commodities* não dificilmente está em desacordo com preocupações ecológicas.

Há também o risco por ser uma relação assimétrica, uma vez que enquanto a China é uma das principais parceiras comerciais da América do Sul, esta não representa grande porcentagem das importações chinesas. Desta forma, a América do Sul, mais dependente desta relação, torna-se muito vulnerável à demanda chinesa.

Para atenuar os riscos da relação comercial com a China, é importante que os países sul-americanos deem mais atenção à elaboração e execução de políticas econômicas e de desenvolvimento, e maior cuidado e reflexão ao estabelecer parâmetros e acordos comerciais.

Apesar de semelhanças como afinidade cultural, problemas sociais e perfil exportador de *commodities*, os países da América do Sul apresentam diferenças com relação ao tamanho de suas economias e atividades. Sendo assim, os impactos das relações com a China são diferentes para cada um. Para o Brasil, que apresenta um parque industrial mais desenvolvido em relação aos demais países da região, as desvantagens do incentivo à produção de produtos primários e a entrada de manufaturados a baixos preços, são sentidas com maior intensidade e em menos tempo.

A América do Sul é vista de forma integrada para as decisões de investimento de muitas empresas, por isso seria muito importante que a região investisse em uma maior integração tanto comercial quanto física, para que atraísse maior volume de IDE para todos os países da região. Além de atrair maior volume de investimentos, essa maior integração também facilitaria uma melhor inserção no cenário internacional, uma vez que a região como um todo ganharia maior peso. Poderia ainda haver ganhos econômicos através de economias de escala. Sendo assim, são importantes os investimentos tanto em infraestrutura para

interligar a região (investimento em estradas e vias férreas, por exemplo), quanto acordos para alinhar as diferentes leis que regulam os transportes e o comércio em cada país sul-americano.

Enquanto a China, no século XXI, apresentou altíssimas taxas de crescimento, o Brasil apresentou taxas bem mais modestas e voláteis. E sobre o comércio, enquanto a China cresce em participação como exportadora de manufaturados com tecnologia cada vez mais sofisticada, o Brasil mostra-se cada vez mais como produtor de *commodities*.

Enquanto isso, as empresas brasileiras cada vez mais sentem a concorrência chinesa, tanto no mercado interno quanto externo. As que mais competem com a China são as grandes empresas, porém são as pequenas e médias que mais sofrem com efeitos dessa concorrência.

Os principais problemas para a perda de competitividade do Brasil diante dos produtos chineses estão no custo Brasil e na taxa de câmbio.

A infraestrutura no Brasil é precária e insuficiente, o que fica evidente ao se analisar, por exemplo, a questão das vias de transporte e de abastecimento de energia. Os problemas de educação também afetam o desenvolvimento da indústria, uma vez que não temos disponível a mão de obra qualificada necessária para o setor. O alto montante de impostos e o excesso de burocracia também dificultam o crescimento da produção industrial.

Sobre a taxa de câmbio, o Brasil tem desde o governo FHC um histórico do real valorizado, o que dificulta a exportação de produtos, além de permitir que produtos importados tenham baixos preços no mercado interno.

Um dos mercados mais promissores para as indústrias brasileiras seria, além do mercado interno, a América do Sul. Isso porque a região é tradicionalmente importadora de manufaturas e, assim, já há a necessidade desses produtos. A proximidade geográfica também facilitaria, uma vez que é uma oportunidade de reduzir tempo e custo com o transporte, o que resultaria em aumento de competitividade para os produtos brasileiros.

No entanto, os dados de comércio entre Brasil e América do Sul, quando comparados com os dados entre China e América do Sul, mostram que a China ganha cada vez mais espaço no continente em volumes muito maiores do que o Brasil. O resultado

disso será a perda de mercado do Brasil na região. Isto se deve tanto aos problemas brasileiros para enfrentar a concorrência chinesa, quanto à falta de integração com a região.

Os principais fatores para a dificuldade de integração do Brasil com a América do Sul estão no fato de que o Brasil nunca teve uma política focada para o estreitamento destas relações, há muitas divergências entre qual deveria ser o papel da América do Sul para as relações brasileiras, além de que o Brasil preocupa-se muito mais com suas relações com os países mais desenvolvidos (como EUA e União Europeia) e em posições nos fóruns internacionais, do que com a própria região em que se encontra.

Também atrapalham a integração da região diferenças ideológicas, falta de interesse na integração não só do Brasil, mas também dos demais países, e dimensão territorial e econômica do Brasil na região, que gera certo temor e resistência aos demais países.

Desta forma, para que o Brasil possa resistir à China são importantes ações governamentais para o câmbio e investimentos em infraestrutura, educação e incentivos à produção industrial e à exportação.

No entanto, devido às vantagens chinesas sobre os custos, mesmo que o governo brasileiro tome as melhores ações para defender a indústria, ainda assim não conseguiríamos um cenário como o chinês. Desta forma, é necessário que as empresas não compitam apenas por custos, mas que invistam também no design e na qualidade dos produtos, para que os produtos brasileiros sejam diferenciados dos chineses e ganhem a preferência apesar do custo maior. É claro que isto não anula a importância das políticas públicas: um ambiente que permita a redução de custos é muito importante, pois mesmo diferenciados, os produtos não conquistarão mercado se a diferença de valor for muito grande.

Investimentos de empresas em pesquisa e desenvolvimento para agregar tecnologia tanto para a produção quanto para o produto final, também são muito importantes. Uma das soluções para isso seria uma melhor integração entre o setor acadêmico e o setor industrial, com as indústrias financiando o desenvolvimento de pesquisas e de mão de obra especializada.

Para manter o estratégico mercado da América do Sul, uma estratégia seria investir em setores industriais que não compitam com os demais países, principalmente em seus

próprios mercados, e incentivar importações dos sul-americanos. Desta forma, os países seriam mais receptivos aos produtos brasileiros e, ao estimular o comércio intra-regional, o continente como um todo teria a chance de diminuir a dependência da China, ter maior força para atrair investimentos, e maior chance de desenvolvimento econômico.

Referências Bibliográficas

BARBI, F; HOLLAND, M. “China na América Latina: Uma Análise da Perspectiva dos Investimentos Diretos Estrangeiros”. 2010. Textos para Discussão da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/4251> Acesso em Maio de 2013.

BARBOSA, A. F. “Oportunidades e ameaças colocadas pela ascensão global da China para os trabalhadores latinoamericanos”. 2009. Red Lat; Made In China. Disponível em: http://www.redlat.net/pesqdet.php?ID_pesq=20 Acesso em Julho de 2013

BARBOSA, A. F; BIANCALANA, M. N; TEPASSÊ, A. C. “A Ascensão Chinesa e os Impactos sobre a América Latina e a África: Objetivos Comuns, Estratégias Diferenciadas”. 2011. XI Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307131850_ARQUIVO_textoxiconlabsalvadorfinal2.pdf Acesso em Abril de 2013.

BECARD, D. S. R; LUZ; A. J. “Presença da China na América Latina: contribuições para o desenvolvimento da região”. 2010. Ciências & Letras, Porto Alegre, nº 48. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=Presen%C3%A7a+da+China+na+Am%C3%A9rica+Latina%3A+contribui%C3%A7%C3%B5es+para+o+desenvolvimento+da+regi%C3%A3o> Acesso em março de 2013.

BONIS, G. “*Brasil perde espaço para China na América Latina*”. 2012. Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/economia/brasil-perde-espaco-para-china-na-america-latina/> Acesso em setembro de 2013.

CARVALHO, C. E; TEPASSÊ, A. C. “Efeitos da Ascensão da China sobre as Exportações Brasileiras para EUA e América Latina”. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP. Disponível em: http://www.pucsp.br/eitt/downloads/viii_ciclo_debate/VIII_Ciclo2010_Art_Angela_e_Carvalho.pdf Acesso em Maio de 2013.

CHANG, L. e BOHRER, C. P. *A Presença da China na América do Sul: características, impactos e perspectivas*. 2010. International Centre for Trade and Sustainable

Development. Disponível em: <http://ictsd.org/i/news/pontes/84712/> Acesso em março de 2013.

CINDES. “O Brasil na América do Sul”. 2007. Disponível em: http://www.cebri.org/midia/documentos/377_PDF.pdf Acesso em Abril de 2013.

COELHO, J. R. R. “Índice Fiesp de Competitividade das Nações e Estratégia de Crescimento para o Brasil”. 2012. IC – FIESP. Departamento de Competitividade e Tecnologia – DECOMTEC. Disponível em: http://www.pacpme.com.br/pacpme/web/arquivos/FIESP-IC_2012_26Nov2012.pdf Acesso em outubro de 2013.

CUNHA, A. M. “A China e o Brasil na Nova Ordem Internacional”. 2011. Revista de Sociologia e Política. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782011000400003&script=sci_arttext Acesso em agosto de 2013.

DELOITTE. “Brasil Competitivo. Desafios e Estratégias para a Indústria da Transformação”. 2012. Deloitte. Acesso em Agosto de 2013. Disponível em: http://www.deloitte.com/assets/Dcom-Brazil/Local%20Assets/Documents/Ind%C3%BAstrias/Manufatura/livro_final.pdf. Acesso em outubro de 2013.

ECONOMIC COMMISSION FOR LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN – ECLAD. Interactive Graphic System of International Economics Trends (SIGCI Plus) – Trade Module. Disponível em: <http://www.eclac.org/comercio/ecdata2/> Acesso em 2012 / 2013.

FALCÃO, M. “Concorrência chinesa inibe investimentos na indústria têxtil, diz Abit”. 2012. São Paulo. Valor Econômico. Disponível em: <http://www.valor.com.br/empresas/2812888/concorrenca-chinesa-inibe-investimentos-na-industria-textil-diz-abit> Acesso em Julho de 2013.

FIEC. “Setor têxtil discute alternativas para aumentar competitividade”. 2013. Informativo semanal do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Ceará – FIEC. Disponível em: http://www.fiec.org.br/portalv2/sites/fiec-onlinev2/home.php?st=exibeConteudo&conteudo_id=60677 Acesso em setembro de 2013.

FILHO, A. D. “Setor Têxtil e de Confecção. Balanço 2012 e Perspectivas 2013.” 2013; Abit. Disponível em: http://www.abit.org.br/links/coletiva2012_2013.pdf Acesso em Setembro de 2013.

FIORI, J. L. “Brasil e América do Sul: o desafio da inserção internacional soberana”. 2011. CEPAL, IPEA. Disponível em: http://www.cepal.org/publicaciones/xml/2/43452/CEPAL_42.pdf Acesso em Agosto de 2013.

HOLLAND, M. “Inserção Comercial do Brasil na América do Sul: Um Estudo Sobre os Efeitos da China na Região”. 2010. Textos para Discussão da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/4262> Acesso em Maio de 2013.

III CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA INTERNACIONAL – III CNPEPI *O Brasil no Mundo que vem aí. Seminário: China - Brasília*. Rio de Janeiro, 17 e 18 de abril de 2008 – Palácio do Itamaraty. Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

IOS. “China e América Latina: Parceria Estratégica ou Novo Imperialismo?”. 2008. São Paulo. IOS (Insituto Observatório Social); DGB. Disponível em: http://www.observatoriosocial.org.br/arquivos_biblioteca/conteudo/Panorama%20Geral%200-%20Relacoes%20China-America%20Latina.pdf Acesso em março de 2013.

LANG, M. A. “*Indústria do vestuário no Brasil – Cenário, inflação, concorrência externa.*” In: “Comportamento de compras das Lojas de Confecção Multimarcas – Varejo de Moda Brasileiro”. Disponível em: <http://marketingfuturo.com/industria-do-vestuario-no-brasil/> Acesso em setembro de 2013.

NUNES, R. *Nota Técnica: Evolução do Comércio da América do Sul com a China*. 2010. FEDASUR. Disponível em: <http://federasur.org.br/2010/07/16/nota-tecnica-evolucao-do-comercio-da-america-do-sul-com-a-china/> Acesso em Abril de 2013.

PAULINO, L. A; PIRES, M. C; (orgs.). *Nós e a China: O Impacto da Presença Chinesa no Brasil e na América do Sul*. 2009. 1ª Edição. LCTE Editora.

PEREIRA, L. V. “Os fluxos comerciais China-América do Sul: uma reflexão sobre agenda de integração sul-americana”. 2007. Rio de Janeiro. OIKOS, Revista de Economia

Heterodoxa, nº 7, ano VI. Disponível em:
<http://www.revistaoikos.org/seer/index.php/oikos/article/viewArticle/19> Acesso em:
Setembro de 2013.

SONDAGEM ESPECIAL. “Especial China”. 2011. Publicação da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Unidade de Política Econômica – PEC. Ano 9. Número 1. Disponível em: <http://www.cni.org.br/portal/data/pages/FF808081314EB36201314F2229146E70.htm> Acesso em Setembro de 2013.

VADELL, J. “A China na América do Sul e as implicações geopolíticas do Consenso do Pacífico”. 2011. Curitiba. Revista de Sociologia e Política. Vol 19. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782011000400006&script=sci_arttext Acesso em Março de 2013.

WELLE, D. “Indústria brasileira de roupas sofre com concorrência asiática.” 2013. Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/economia/industria-brasileira-de-roupas-sofre-com-concorrencia-asiatica-3793.html> Acesso em agosto de 2013.

WORK BANK INDICATORS. WORK BANK. Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG/countries/BR-CN?display=graph> Acesso em outubro de 2013.